KAREM DA COSTA COUTO

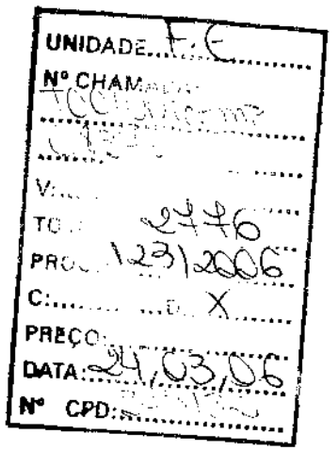
1290002776
FE
TCC/UNICAMP C837s

A SÉRIE *MICO MANECO* DE ANA MARIA MACHADO: UM CONVITE AO UNIVERSO LITERÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS
2005

[illegible]

© by Karem da Costa Couto, 2005.



Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Couto, Karem da Costa.
C837s A série "mico maneco" de Ana Maria Machado : um convite ao universo literário / Karem da Costa Couto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Leitura. 3. Escrita. 3. Alfabetização. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-242-BFE

KAREM DA COSTA COUTO

A SÉRIE *MICO MANECO* DE ANA MARIA MACHADO: UM CONVITE AO UNIVERSO LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da Profª Drª Norma Sandra de Almeida Ferreira.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS
2005

Prof.ª Dr.ª Norma Sandra de Almeida Ferreira
Orientadora

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Goulart de Faria
2ª leitora

Dedico este trabalho à minha família, especialmente ao meu pai, um exemplo a ser seguido toda a vida e um incentivo para que eu sempre siga em frente.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que me deram apoio e suporte para que eu concluísse minha graduação.

Agradeço especialmente à minha mãe que me presenteou com os três exemplares que deram origem ao tema da minha pesquisa e deste trabalho.

Agradeço à Norma pelos momentos de orientação, amizade e compreensão dedicados a mim.

Agradeço muito às minhas colegas de graduação, especialmente à Rebeca, Thaís, Angélica e à Paula que também incentivaram, aconselharam e auxiliaram em muitos detalhes deste trabalho.

Agradeço Ana Lúcia por suas importantes contribuições e orientações.

E agradeço à todos (funcionários da biblioteca, do laboratório de informática e da Faculdade de Educação) que de uma forma ou outra tornaram possível a realização do meu trabalho de conclusão de curso.

"Para essas crianças que amo, quero contar e expressar coisas sérias e fundas, parte de minha busca de sentido na vida. Mas tento fazer isso numa linguagem que também seja capaz de incorporá-las – trazê-las ao corpo. Para perto, com ternura. Ao colo, ao abraço, ao aconchego. Para mim, a ponte com a criança leitora é feita de afeto e linguagem."

"Sonho e memória são guardados na literatura, ao nosso alcance. Basta despertá-los: abrindo um livro e lendo".

Ana Maria Machado

ÍNDICE

RESUMO 01

INTRODUÇÃO 02

CAPÍTULO I
Literatura Infantil brasileira: histórico e formação 06

CAPÍTULO II
Ana Maria Machado: trajetória de uma autora 14

CAPÍTULO III
Estudos, dissertações e artigos sobre Ana Maria Machado 22

CAPÍTULO IV
Produção Cultural para crianças: livros didático, paradidático e de literatura 26

A série de livros infantis *Mico Maneco* de Ana Maria Machado 29

Dois projetos editoriais de *Mico Maneco* 29

As capas: um olhar visual 37

As ilustrações no interior dos livros 40

Disposição gráfica: letras e formas 45

O texto escrito: como diz o que diz 47

CONCLUSÕES 65

BIBLIOGRAFIA 69

RESUMO

Esta pesquisa analisa a série *Mico Maneco* de Ana Maria Machado , na tentativa de conhecê-la em toda a complexidade e materialidade que assume enquanto uma produção voltada para crianças com a intenção de iniciá-las na leitura do código verbal e da linguagem literária.

Entre os 20 livros das cinco coleções que compõem *Mico Maneco* foram selecionados para análise: *Mico Maneco,* da série Mico Maneco I, *Uma gota de mágica* (série II), *No barraco do carrapato* (série III), *A zabumba do quati* (série IV); *Com prazer e alegria* (série V).

Algumas questões nortearam nosso trabalho: quais propósitos, intenções do editor/ autora/ ilustrador parecem orientar a produção desta Coleção? Qual o projeto editorial desta Coleção: seu conteúdo, sua linguagem, verbal e não verbal, sua organização em diferentes obras, sua materialidade? Que marcas indicativas nesta Coleção permitem conhecer as concepções de alfabetização e de alfabetizando pensadas pelos editor/ autor/ ilustrador?

Desenvolve-se no âmbito do grupo de pesquisa "Alfabetização, Leitura e Escrita" da Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas.

INTRODUÇÃO

A literatura de Ana Maria Machado sempre esteve presente em minha infância, em minha casa e também no ambiente escolar. Seus textos graciosos, que com a magistral qualidade literária, conseguem passar a simplicidade necessária para envolver um jovem leitor, contribuíram muito na construção do meu gosto pelos livros. Como estudante de Pedagogia, meu interesse sobre os livros infantis tornou-se outro além do prazer de ler: o de buscar autores que produzam livros de literatura de boa qualidade, que apresentem a leitura às crianças de forma divertida e atraente, levando-lhes o encanto de ler e também o de aprender com essa leitura.

Durante o estágio em escolas públicas realizado como requisito para a conclusão de minha graduação, comecei a observar os livros presentes nas bibliotecas das escolas estaduais e a separar séries de livros com conteúdos indicados para crianças na faixa etária de cinco a sete anos de idade. Minha mãe, sabendo do meu interesse por tais livros, me presenteou com três exemplares da série que se tornou objeto de nossos estudos neste trabalho: *Mico Maneco,* de Ana Maria Machado, que se dispõe a auxiliar crianças em fase de alfabetização na aquisição de suas práticas de leitura e escrita.

Segundo Zilberman (1988), os símbolos, as letras e as palavras são conhecidos pela criança antes mesmo de ela aprender a lê-los, pois estão sempre presentes em seu cotidiano, nas diversas mídias e na convivência com todos, o que faz parte de seu processo de socialização. A curiosidade infantil alimenta o anseio de compreender toda a gama de materiais disponíveis ao seu redor e de decifrá-los:

> *"Quando a palavra escrita pode ser decifrada por ela, os diferentes materiais introduzidos pela imprensa, como o livro, o jornal ou a revista, passam a estar ao seu alcance, servindo de suporte aos gêneros artísticos (ou não) correspondentes: a literatura, a história em quadrinhos, o conto."* (ZILBERMAN, 1988: 84)

Portanto para a escola é interessante que a criança tenha contato com os materiais de imprensa que introduzem a escrita em seu cotidiano assim como também é válido que o pequeno leitor seja atraído pelas diversas mídias e que por meio de uma escolarização bem sucedida, seja capaz de permanecer interessado por elas e tornar-se assim parte do público que as consome. Ainda de acordo com a autora, a literatura infantil enfrenta dilemas para atender às necessidades escolares:

> *"Tais fatores antecipam a caracterização da literatura infantil nesta etapa da leitura da criança e indicam, mais uma vez, a encruzilhada que enfrenta. Ela estimula a alfabetização, que, da sua parte, promove as condições para o consumo de textos. Estes acabam por dobrar-se aos interesses da escola, que favorece sua continuidade no mercado."* (idem)

Não é de hoje que autores renomados escrevem para crianças entrelaçando sua literatura à intenções pedagógicas, como por exemplo, Érico Veríssimo que escreveu na década de 30 *meu ABC*, Mário Quintana com *O batalhão das letras* em 1948. Bartolomeu Campos Queirós com *Estória em três atos* e Ziraldo, mais recentemente criam personagens com as letras do alfabeto e junto com outros autores vêm publicando para o leitor infantil com esta mesma preocupação.

De acordo com Zilberman (ibidem), na década de 80, surgem além destes livros destinados às crianças em fase de alfabetização, outros organizados em Coleções ou

séries com propostas mais explícitas quanto aos seus objetivos. É o caso da série *Mico Maneco*, que quando lançada traz em sua quarta capa a informação de que se destina à crianças que começam a ler sozinhas e apresenta orientação na ordem de leitura a ser seguida entre os livros.

Deste modo, ao examinar toda a produção cultural destinada ao público infantil, que se constrói e se condensa nos últimos 40 anos, encontramos livros diversos que às vezes se confundem, se cruzam, se distanciam quanto à intenção didática no projeto editorial. Que impressos são estes? Como se constituem em sua especificidade? Que materialidade assumem ao dizerem o que dizem e como dizem?

Tentando responder a estas questões, a presente pesquisa foi idealizada em quatro capítulos. O primeiro traz um breve histórico sobre a formação e constituição da literatura infantil brasileira, abordando os principais autores que definiram estilos e marcaram época, enfocando a emergência e constituição do gênero "literatura infantil".

O segundo capítulo traz aspectos e informações sobre a vida e a obra de Ana Maria Machado, o que consideramos relevante pois suas vivências influenciaram o surgimento da obra estudada neste trabalho. O capítulo seguinte aborda estudos e dissertações, buscando conhecer no interior da produção acadêmica o que tem sido produzido sobre esta autora e sua obra.

A série de livros *Mico Maneco* é analisada no quarto capítulo desta pesquisa, destacando aspectos relacionados à linguagem, ao tema, à construção do enredo, à ilustração nos cinco livros selecionados por nós entre os 20 livros de toda a coleção.

O caminho metodológico assumido nessa pesquisa teve dois momentos. Num primeiro, realizamos o levantamento histórico sobre a produção cultural voltada para a criança, especialmente em literatura infantil e também buscamos conhecer os estudos realizados sobre a obra da autora. Num segundo momento optamos por realizar a análise

da obra através de um estudo de caso, escolhendo uma parte da coleção para compreendermos a complexidade de seu todo.

Podemos dizer que a Série *Mico Maneco* traz na maioria de seus livros um cuidado da autora e do ilustrador com a linguagem e um respeito pelo leitor infantil. Mais do que aprender a ler, a criança compartilha de um modo peculiar de expressão do imaginário, que lhe abre caminhos para conhecer e apreciar a literatura infantil.

CAPÍTULO I

1. Literatura infantil brasileira: história e formação

No Brasil, a publicação dos livros para crianças se inicia após a vinda da família Real em 1808 com a implementação da Imprensa Régia. A maioria dos livros publicada era de reproduções de edições de origem portuguesa. Somente ao final dos anos de 1800 houve maior empenho para que fossem produzidos livros infantis na língua nacional, sendo estes adaptações de obras estrangeiras provenientes principalmente da cultura européia, como os contos de Perrault, Grimm e La Fontaine. De grande relevância foi o trabalho de Figueiredo Pimentel que pela Livraria Quaresma copiou e adaptou contos de fada como "Contos da Carochinha" e "o Patinho Feio", como afirma Zilberman (1986).

Assim, a produção cultural destinada ao público infantil brasileiro é recente, tendo seu surgimento datado entre os séculos XIX e XX, um período marcado por transformações políticas, econômicas e sociais no país. Com o início da República e com a abolição da escravatura a necessidade da escolarização para todos e da alfabetização em massa impulsionaram o desenvolvimento de uma literatura infantil que segundo Zilberman (1986) tinha a função de dar voz e forma à representação da unidade e identidade da nação e também a de criar e divulgar o discurso da nova imagem do país.

"Ama com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como este!
Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.
(...)Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!"
(trecho do poema "A Pátria" de Olavo Bilac)

Como se pode ver através desse trecho do poema *"A Pátria"*, de Olavo Bilac, essa literatura de cunho nacionalista, ansiava pela modernização do país e apresentava o intuito de participar da formação do futuro cidadão brasileiro, tendo seus textos incluídos no cotidiano das práticas escolares. Nela, tiveram destaque importantes autores, tais como Olavo Bilac e Coelho Neto que escreveram *"Contos Pátrios"* (1904), Júlia Lopes de Almeida autora de *"Histórias da Nossa Terra"* e Manuel Bonfim, entre outros. Em 1919 Tales de Andrade escreve o romance *"Saudade"*.

A escola e as campanhas governamentais de incentivo ao civismo viabilizaram o progresso da literatura infantil e sua constituição como gênero, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, porém foram também responsáveis pelo conservadorismo contraditório que prevaleceu nela muitos anos depois.

Na **década de 20**, houve um aumento significativo das obras de literatura infantil, marcadas pelo anseio das mudanças que não vieram com a proclamação da República. As classes populares tiveram acesso à escola aumentando assim a clientela do livro infantil. Este último, por ter uso didático, tinha sua produção controlada pelo Estado o que prendia muito os textos aos conteúdos escolares, havendo uma limitação da criatividade e imaginação, tão freqüentes no gênero.

Neste período, destacamos o surgimento de Monteiro Lobato, cuja produção levou aos leitores uma linguagem coloquial e popular que não os subestimava. Suas obras de grande sucesso e aceitação, que introduziam o leitor em um projeto de exercício da consciência crítica, perpassaram todas as décadas, até os dias atuais. De acordo com Sandroni (1998), Lobato iniciou uma fase nacional de produção literária

infanto-juvenil crítica, levando às crianças uma literatura nova, que pretendia aguçar a criticidade do leitor, conscientizando-o sobre diversos assuntos políticos, sociais e econômicos atuais na época. Como afirma Cadermatori (1986):

> *"Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional (...) mas deixa sempre espaço para a interlocução com o destinatário.(...) A moralidade tradicional é dissolvida, o grande valor passa a ser a inteligência. A esperteza, habilidade quase maliciosa da inteligência é igualmente valorizada. (...) O mal reside na ignorância, no subdesenvolvimento, no pensamento cerrado em valores absolutos (...) Rompendo com os estereótipos consagrados, questionando a aceitação do vigente, sua obra permite a relativização do lugar ideológico que o leitor se situa, (...) estimula a formação da consciência crítica que dificilmente o leitor pode atingir se não conviver com pontos de vista distintos daqueles que são próprios à sua condição social ".* (CADERMATORI, 1986 pp.51/52)

Nos **anos 30**, a situação social favoreceu o progresso da literatura infantil, pois após o Movimento Modernista, um novo posicionamento cultural fora construído, a classe média se constituiu, se estabilizou e acelerou o crescimento da escolarização urbana. A poesia e a ficção infantil foram os gêneros de maior destaque, sendo que a maioria dos autores ufanistas da época, como Viriato Corrêa e Murilo Araújo, privilegiou o meio rural para o desenrolar de suas histórias. Além de Lobato destacaram-se também Cecília Meireles, Lúcia Miguel Pereira, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outros.

Entre os **anos 40 e 60** a literatura infantil foi forçada a atender aos interesses

governamentais, pois deveria favorecer ao fomento de um nacionalismo ufanista favorável à ditadura Vargas através da produção de obras destinadas às classes operária e média.

Os livros infantis apresentaram uma maior diversidade de personagens, como índios e caipiras, porém estes últimos sempre eram pobres que serviam ao "patrãozinho" rico e os primeiros entravam em conflito com os brancos, situações que reforçavam a ideologia dominante e afastavam o gênero literário do popular.

Segundo Zilberman (1986), a invasão dos meios de comunicação de massa se tornou mais concreta nos anos 50 com o surgimento da televisão no país. O rádio e as foto novelas eram os veículos mais acessíveis ao popular, já a literatura infantil,

> *"manteve algum vínculo com o nacionalismo anterior, pois o modelo educativo continuava a vigorar na escola, ainda sua principal aliada; mas tentou contornar os perigos da vulgarização ou da associação ao popular, indesejável porque resíduo do atraso a ser esquecido"* (ZILBERMAN, 1986 p.126)

As histórias infantis permaneceram na valoração do meio rural. Constrói-se uma imagem romântica do rural para as crianças leitoras urbanas. Além disso, o rural passou a ser visto como espaço de lazer para as crianças da cidade em férias, o que estabeleceu uma ligação entre os dois ambientes, o urbano e o rural e entre dois tempos, presente e passado representados respectivamente pela criança e pelo velho como personagens das narrativas.

Na década de sessenta houve uma certa diversificação nas produções literárias, impulsionada pelas políticas de incentivo à produção nacional de livros. Com a sofisticação das mídias, a maior oferta de livros pôde ser melhor divulgada, não só nos meios de comunicação mas também na escola, instituição à qual a literatura infantil

permanece dependente para se estabelecer como gênero, devido principalmente a sua destinação pedagógica. Segundo Zilberman (1993), essa leitura patrocinada pela escola, sempre dirigida e orientada, servia como meio para a inculcação de certos valores, comportamentos e atitudes, revelando uma concepção de leitura e de literatura infantil que as vê como agentes civilizadores e educativos.

Zilberman (1986) afirma que a partir de 1965 a literatura infantil encerra os ciclos de fazendas e sítios, aproximando-se cada vez mais do meio urbano e à realidade social da época, surgindo novos temas e enfoques, remetendo-se cada vez mais ao projeto lobatiano de uma literatura crítica e instigante.

Próximo dos **anos 70**, os livros de Isa Silveira Leal iniciam essa aproximação da literatura para crianças com a cidade, porém, para Zilberman (opt. cit.), a autora o faz em um estilo um pouco ingênuo. O realismo mais crítico e questionador da realidade social chega com Odette de Barros Mott, autora de *Justino, o retirante* e de *A Rosa dos Ventos,* onde foram tematizadas as crises que eclodiam nas metrópoles naquele tempo.

Nessa nova fase, a linguagem presente nos livros de literatura infantil tornou-se mais coloquial, ganhando mais oralidade e afastando-se do projeto original do início do século, que apresentava um alto padrão de linguagem, porém não de menor qualidade. A imagem da criança também muda, sendo que esta se torna freqüente nas histórias, sempre participando, indagando, questionando, raramente submissa e inerte.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de 1971, que entre outras medidas, obriga a leitura de autores brasileiros nas escolas de primeiro grau, e posteriormente pela Lei da Reforma de Ensino, a literatura sofreu grande expansão, pois um grande número de produções literárias passou a ser utilizado nas escolas. Segundo Regina Zilberman *"A literatura infantil, principal iniciadora do ritual da leitura, colocou-se em posição privilegiada e seu consumo foi considerado positivo".*

(ZILBERMAN, 1988). Autores nacionais impulsionados pela demanda escolar são incentivados e convocados por diversas editoras a produzir obras para crianças e jovens.

Ruth Rocha, Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Ziraldo, Edy Lima, Eliardo França, Marina Colasanti, Lygia B. Nunes e Bartolomeu Campos Queirós, dentre outros, mais ou menos próximos ao estilo de Lobato, usaram a literatura infantil para protestar contra a ditadura implicitamente, dando um grito oculto de liberdade através de suas obras destinadas às crianças, colaborando muito para o progresso da literatura infantil nos anos seguintes. Ana Maria Machado, em *"História meio ao contrário"* (1977), por meio de uma narrativa envolvente e cativante, em plena ditadura traz ao leitor, através de seu texto, a importância da mobilização social na defesa dos interesses coletivos e o convida a ser mais reflexivo, questionador, e a desenvolver sua criticidade, como no trecho a seguir:

> *(...) agora vamos mesmo ter que fazer alguma coisa para defender o Dragão. Afinal, ele é amigo da gente...*
>
> *Isso mesmo! - apoiou o ferreiro. - Se ele não carregasse o sol todo dia, garanto que nós iamos ter que trabalhar sem parar, sem poder ir dormir, sem descansar.*
>
> *(...) Num ponto estavam todos de acordo. Era preciso ajudar o Dragão Negro antes que o Príncipe Valente e Encantador acabasse com ele. Mas como?*
>
> *(...)Mas a pastora, (..) teve uma idéia: - Lá nos montes mora um Gigante. Ele bem que podia nos ajudar.*
>
> *(...) Você pensa, sua boba, que é fácil acordar um Gigante? Se não formos todos juntos e não gritarmos bem forte e bem alto, não adianta nada.*
>
> *Por isso foram todos. Naquela tarde, a aldeia ficou deserta. Todo mundo saiu das oficinas e das plantações. Foram todos para os montes." (Apud LAJOLO, 1983: 20/21).*

Livros como *A mulher que matou os peixes* (1972) de Clarice Lispector, *Bento-que-Bento-é-o-frade* (1977) de Ana Maria Machado reinauguram o projeto lobatiano de levar à criança uma literatura de qualidade, que a considere como leitora capaz de ler e de adentrar em um mundo diferente do real, viajar em histórias que a levem pelos caminhos da diversão e da imaginação, que estimulem sua criatividade e despertem nela inquietações e indagações, dando-lhe espaço para ser e agir.

Os autores dessa época foram e têm sido capazes de escrever considerando o leitor como integrante do próprio texto, tornando-o seu interlocutor e estabelecendo uma conversa com ele durante toda a narrativa. Ana Maria Machado, por exemplo, escreve dessa maneira envolvente, fazendo com que sua excelente literatura pareça um bom bate-papo, compreendendo a criança leitora em todas suas características e dimensões, recheando suas histórias com humor e inteligência que conquistam o leitor e contribuem para o enriquecimento de sua formação cultural e pessoal.

De acordo com Serra (1998) nos **anos 80**, há um caráter mais reflexivo sobre o papel da literatura infantil, sendo comuns nas obras reformulações de contos de fadas e personagens com características fortes que lhes permitem transpassar barreiras sociais. Alguns autores, como Ricardo Azevedo e Joel Rufino, adotaram uma tendência folclórica em seus trabalhos, utilizando elementos enraizados na cultura brasileira. Outros optaram pela produção destinada ao consumo das massas, produzindo livros mais populares, romanceados, com os quais o leitor se identificava. Além disso, a qualidade da produção gráfica e editorial dos livros foi melhorada, levando aos leitores obras mais bem produzidas.

Com isso, a criança a partir dos **anos 90** tem acesso a uma grande e diversa produção de obras que atendem a diversos gostos quanto ao gênero, à forma, autores, temas e projetos gráficos, surgindo livros de pano, de plástico, tridimensionais, livros

que contêm dobraduras e outros atrativos, em suportes nem sempre impressos, como por exemplo, os CDs Rom. Essa diversidade de materiais vem crescendo cada vez mais e o mercado editorial tem um público infantil garantido, seja pela grande qualidade das publicações, dos autores ou pelas inovações gráficas disponíveis, seja por uma produção nem sempre considerada pelos críticos como de boa qualidade literária.

A literatura infantil brasileira, nestes últimos vinte anos se faz presente não só em livrarias mas também nas bibliotecas de escolas públicas, sendo distribuída gratuitamente pelos programas públicos de incentivo à leitura. Livros de Ruth Rocha, Clarice Lispector, Ricardo Azevedo, Eva Funary, Roseana Murray, entre muitos outros podem ser encontrados nas bibliotecas, inclusive as obras de Ana Maria Machado, como a Coleção *Mico Maneco*, em estudo.

CAPÍTULO II

ANA MARIA MACHADO: TRAJETÓRIA DE UMA AUTORA

A quantidade de obras publicadas, o volume de estudos críticos produzidos sobre suas obras, os prêmios recebidos nacional e internacionalmente, seu posicionamento público sobre o ato da criação, sobre o gênero da literatura infantil, sobre a leitura e educação de leitores, justificam, entre outros aspectos, a relevância de uma pesquisa sobre Ana Maria Machado.

Como se pode ler em sua biografia (2001), Ana Maria Machado nasceu em 24 de dezembro de 1941 na cidade do Rio de Janeiro. Sua vida, como a de muitos outros escritores, é rodeada de livros e recheada de histórias contadas e lidas por seus avós e outros familiares...

> *"Acho que de início minha mãe e meu pai deviam ler junto comigo um livrão daqueles, tão grosso... não lembro. Mas sei que conversávamos muito sobre a leitura, eu estava interessada em saber se em Manguinhos não haveria um jeito de entrar no Reino das Águas Claras (...) e sei que algumas partes eu lia*

> *sozinha (...) não esqueço do livro,(...) de sentar de través na poltrona, com o livro na mão, o coração batendo forte porque Dona Benta estava correndo perigo, sentada no pé do pássaro Roca, pensando que era uma árvore...* " (MACHADO, 1996 pp. 17/18)

Neste depoimento autobiográfico, Ana Maria Machado, traz não só suas primeiras leituras, como também confessa a importância que Lobato teve em sua formação como leitora e a influência deste autor apontada por críticos em seu trabalho, como escritora. Mas, no ambiente letrado de sua infância, também foram marcantes em sua vida as leituras que fez de obras de muitos outros autores, como seu primeiro contato com *A vida de Joana d'Arc, de* Érico Veríssimo, aos oito anos de idade:

> *"(...) Dona Dudu me presenteou com um livro que me trouxe um impacto marcante, de tipo bem diferente. (..) Não gostei, quando recebi. Uma vida de santo? Daquela grossura? Nem abri. (..) Depois, não resisti à curiosidade (...) Passei os olhos no início e uma imagem do texto me agarrou. Assim, como quem não queria nada, de repente o autor se perguntava: que eram aquelas duas pombinhas brancas que vinham saltitando pelas pedras do caminho? Não, não eram pombinhas, eram os pés descalços da menina Joana! Mas que maravilha! Então se podia escrever assim? Não larguei mais o livro. Não larguei o Érico nunca mais".* (MACHADO, 1996 p.22)

Além de Lobato e Veríssimo, Machado afirma que Mark Twain foi o autor de sua pré-adolescência. Um pouco mais tarde, ao término do curso ginasial, a autora se apaixonaria pela escrita de Rubem Braga, que a fascinava *"pela maneira como escrevia, pela sua capacidade de captar a poesia do quotidiano, de usar um fiapo de assunto e ir tão longe..."* (idem: 32).

Depois de terminar o científico, no Colégio de Aplicação, onde começou a fazer política estudantil e participou da fundação de um jornal chamado *O Metropolitano*, da AMES (Associação dos Estudantes Secundários) junto com Roberto Pontual, Cacá Diegues e Arnaldo Jabor, Ana Maria Machado fez vestibular para o curso de Geografia "*que não exigia latim nem matemática*" (p. 39), e que foi trancado em menos de um ano.

Ainda na época do científico, iniciara sua carreira como pintora estudando no Museu de Arte Moderna, no Atelier Livre, o que lhe permitiu após o trancamento do curso de Geografia, aproveitar a oportunidade de fazer um curso intensivo de pintura e outro de História da Arte no Museu de Arte Moderna, de Nova York. Após retornar, entrou para a Faculdade de Filosofia (atual Faculdade de Letras na Universidade Federal), para estudar língua e literatura. Depois de abandonar a pintura profissionalmente, lecionou português, latim e francês (em inglês) em uma escola americana.

Em 1963, quando cursava o terceiro ano de faculdade, Ana Maria Machado começou a trabalhar como repórter no *Correio da Manhã,* onde fez amigos como Antonio Callado e Carlos Heitor Cony. Pôde usufruir um ambiente motivador que ampliou seus horizontes não só literários, como afirma a autora ao falar sobre os caminhos que a levaram a ser escritora:

> *"(...) eu teria lido muito menos, se não estivesse sempre cercada de pessoas que falavam com entusiasmo de livros e autores. Eram eles que despertavam minha curiosidade e me faziam correr atrás das sugestões (...) Andava muito com gente mais velha (...) e ficava com vergonha quando falavam com intimidade num escritor que eu não tinha lido.(...) Assim enfrentei Thomas Mann e Kafka, (...) Proust ..."*(opt. cit.: 44/45)

Quando teve início a ditadura, Machado protegeu o amigo Roberto Pontual, que trabalhava no Ministério da Educação na época, acusado de práticas subversivas devido ao seu projeto de alfabetização freireano, do qual ela fazia parte como voluntária. Iniciara para sempre, o envolvimento da escritora nos movimento de resistência à ditadura, ora como uma ativa militante política, participando de reuniões e manifestações, ora como escritora. Sobre este momento, no qual muitos amigos próximos começaram a fugir para o exílio e a repressão assolava o país, Machado diz:

> *"E a palavra tinha que ser mantida viva, porque incomodava muito aos ditadores e só através de sua ação multiplicada seria possível um dia convencer os indiferentes, para que todos, juntos, exigíssemos a volta da democracia e do estado de direito - com anistia, eleições diretas e uma nova Constituição."* (p. 46)

Em 1966, Machado terminou seu mestrado no Rio de Janeiro, casou-se com o médico Álvaro Machado e foi morar em São Paulo. Entre os anos de 66 e 67, período em que teve seu primeiro filho, deu aulas de inglês no Colégio Rio Branco e escreveu artigos para a revista *Realidade* e a *Enciclopédia Bloch*. Traduziu nessa época, manuais de sociologia, livros de teatro e alguns romances de Saul Bellow. Continuou na prática da pintura e adquiriu novo passatempo: fotografar. Conheceu a cunhada e futura amiga de longa data, companheira das letras, Ruth Rocha.

Em 1968 de volta ao Rio de Janeiro, Ana Maria Machado volta a lecionar português e literatura em colégios e também no Curso Alfa, de preparação para o Itamarati. Trabalhou na Escola de Comunicação e na Faculdade de Letras, onde lecionou Análise da Linguagem Cinematográfica e também auxiliou o poeta Augusto Meyer dando Teoria Literária. Nesse ano também recebeu o convite para participar de

um projeto da Editora Abril, a revista *Recreio,* que de início reunia além dela, Ruth Rocha e Joel Rufino, para mais tarde abrigar também histórias de Marina Colasanti. Segundo a autora, *"as histórias tiveram boa acolhida, a revista fez enorme sucesso, chegando a vender 250 mil exemplares por semana e deslanchando um importante movimento de uma literatura infantil brasileira original, ainda que filha de Lobato."* (p. 60)

Ana Maria Machado permaneceu engajada aos movimentos políticos contra a ditadura e as conseqüências de seu compromisso com a liberdade fariam sentir-se no ano seguinte. Nas palavras da autora

> *"O segundo semestre de 1969 fora particularmente difícil. A situação política pesou ainda mais. Fui presa. Tive colegas, amigos e alunos presos. Descobri policiais infiltrados entre os alunos. Quando o ano acabou eu estava desmontando minha casa, vendendo tudo o que podia, do carro às panelas) e fazendo malas para deixar o país". (p. 52).*

Na Europa continuou a escrever histórias infantis para a revista brasileira *Recreio* que para Ana Maria Machado foi de grande relevância, principalmente por conter *"textos bem brasileiros com qualidades literárias, falando de questões importantes da atualidade, e que pudessem ser lidos com prazer pelas criança e, ao mesmo tempo, que divertissem.* (MACHADO, 1996 p. 60). Muitas das narrativas da autora publicadas na revista tornaram-se seus primeiros livros infantis, como *Bento-queBento-é-o-frade* (1977) e posteriormente foram premiados.

Durante o exílio, voltou a trabalhar como jornalista na revista *Elle* em Paris, além de contribuir para a imprensa brasileira e trabalhou também em uma rede de televisão em Londres, a BBC. Lecionou Língua Portuguesa e Literatura na Universidade de Sorbonne, onde terminou seu doutorado sobre lingüística e semiologia sob orientação de Roland Barthes, não deixando de produzir livros infantis durante todo esse período. Em

1971, ano em que começou a desenvolver a série Mico Maneco, Ana Maria Machado conseguiu uma bolsa para um curso intensivo com Umberto Eco, na Universidade de Urbino, na Itália.

Em 1972, ela retornou ao Brasil. Começou a trabalhar no Jornal do Brasil e tornou-se chefe da seção de radiojornalismo de sua rádio, cargo em que permaneceu por sete anos. Em 1977 escreveu o livro "História Meio ao Contrário" usando um pseudônimo e ganhou o prêmio João de Barro e o Prêmio Jabuti em 1978. Em 1979, quatro anos após o fim de seu primeiro casamento, casou-se com o músico Lourenço Baeta e abriu a livraria Malasartes, onde formou um espaço repleto de bons livros infantis. A autora descreve os dezessete anos de dedicação à livraria como um tempo de servir aos livros e ao universo literário.

> *"(...)pude me dedicar inteiramente aos livros. Aos meus, escrevendo e reescrevendo. Aos dos outros, vendendo na livraria. E promovendo a leitura em toda parte, numa intensa atividade (...) sempre dedicada àquele primeiro impulso (...) garantir o acesso à literatura ao maior número possível de pessoas, lutar para que seja respeitado o direito ao livro, que todo cidadão deve ter"*(p. 63)

A partir de 1980, Machado deixa o jornalismo de lado e dedica-se a produção de livros destinados aos públicos adulto e infantil. Com *Bem do seu tamanho* (1980) ela ganha o prêmio Fernando Chinagila e o título de "Altamente Recomendável" pela FNLIJ. *O menino Pedro e seu boi voador* (1978) também recebeu o mesmo título pela FNLIJ e a "Lista de Honra do IBBY". *No barraco do carrapato* (1985) da Série Mico Maneco também recebeu o prêmio "Altamente Recomendável" em 1985. Enfim, foram muitas as obras premiadas pela FNLIJ na produção de Machado até que em 1993 ela se

tornou hors-concours dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Em 2000, Ana Maria Machado recebeu o prêmio Hans Christian Andersen e em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Ganhou também outros prêmios, alguns por mais de uma vez: Jabuti, Prêmio Bienal de SP, João de Barro, APCA, Cecília Meireles, O Melhor para o Jovem, O Melhor para a Criança, Otávio de Faria, Adolfo Aizen, e menções no APPLE (Association Pour la Promotion du Livre pour Enfants, Instituto Jean Piaget, Génève), no FÉE (Fondation Espace Enfants, Suiça) e Americas Award (Estados Unidos).

A produção de Machado mostra-se intensa e regular, sendo que desde 1976, ano da publicação de sua tese de doutorado *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz de seus personagens*, a autora não cessou sua escrita, tendo em média mais de cinco livros publicados por ano. O sucesso das obras da autora tem estreita relação com sua forma de escrever já que ela usa

> *"uma linguagem brasileira acessível, oralizante quando for o caso, mas ao mesmo tempo correta e exata, sem barateamento nem empobrecimento, sem medo de recorrer ao inesgotável manancial léxico e sintático que nos deixaram os autores portugueses e brasileiros de tantos séculos de uma riquíssima literatura."* (MACHADO, 1996: 55)

Ana Maria Machado é hoje autora para o público de todas as idades, reconhecida nacional e internacionalmente, amplamente premiada e apreciada. Não só a relevância de seu trabalho literário, como também sua trajetória pessoal, política e profissional justificam nossa escolha em dialogar com suas obras e aprofundar mais nossos conhecimentos sobre a escrita e a produção dessa escritora, jornalista, professora,

pintora, fotógrafa, mãe e mulher que cativou e ainda cativa tantas crianças, apresentando-as ao gostoso ato de ler.

CAPÍTULO III

ESTUDOS, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS SOBRE ANA MARIA MACHADO

A partir da significativa produção literária de Ana Maria Machado, de seu reconhecimento nacional e internacional e de sua presença em várias bibliotecas de escolas públicas através da distribuição gratuita de sua obra pelos programas de incentivo à leitura do jovem estadual e federal, justificamos a nossa escolha por conhecer melhor sua produção voltada ao público infanto-juvenil.

Seu trabalho tem sido objeto de estudo de inúmeros artigos e dissertações sobre literatura infantil brasileira, apreciado pelo seu alto nível de originalidade, autores e estudiosos diversos destacam que suas obras permitem ao leitor identificar-se com os textos, ilustrações e histórias contidas nelas, introduzindo-o a um mundo mágico que só pode ser oferecido através da literatura de boa qualidade.

Na busca por ampliar nossos conhecimentos e fontes de pesquisa, e também de conhecer o que já foi produzido sobre a autora em questão, encontramos alguns estudos, artigos e dissertações que, em sua maioria, analisaram aspectos lingüísticos e semânticos de sua obra e o diálogo que ela estabelece com o campo da Literatura Infantil Brasileira. Vejamos alguns destes trabalhos localizados por nós.

Por meio do livro *Era uma vez um tirano* (1982) **Coelho (1987)** faz em sua dissertação de mestrado um panorama da literatura infantil brasileira e da evolução da imagem da criança no gênero. Segundo o autor, há uma associação estético ideológica

nesta obra de Ana Maria Machado, que reconhece e dá voz à criança, caracterizando a literatura da autora como livre de amarras e "*autoritarismos, em todas as manifestações e formas e ganha especial relevo, como obra de arte literária para crianças, jovens e adultos sem rótulos*" *(Op. Cit., resumo).*

A dissertação de mestrado de **Quintana (1989)** estuda a confirmação da identidade da literatura infantil brasileira por meio dos livros *Bem do seu tamanho* (1987), *De olho nas penas* (1984), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1984), *Do outro lado tem segredos* (1985), *O canto da praça* (1986) e *História meio ao contrário* (1987).

Cruz (1991) discute as raízes do riso na obra de Ana Maria Machado e suas funções, que segundo a autora, podem ser a de atrair o leitor para a história ou de enredá-lo nos pormenores da narrativa a fim de levá-lo a reflexões mais profundas. Ainda segundo Cruz (1991), o cômico na literatura de Machado tem raízes medievais e se compõe pelo riso recreador e recriador.

A dissertação de mestrado de **Lima (1998)**, procura abordar por meio de análise de *Bem do seu tamanho* (1980) aspectos constitutivos da configuração textual deste livro, investigando a hipótese de que a personagem principal, ao buscar saber sobre seu verdadeiro tamanho, no enredo do livro torna-se uma metáfora da busca da identidade da literatura infantil brasileira.

Sampaio (1993), estudou em sua dissertação de mestrado as obras de Ana Maria Machado e de Ruth Rocha na década de 80, visando apontar os estímulos e a criticidade que podem ser levados à criança por meio dessas produções artísticas, facilitando o processo de formação da criança leitora.

Tochetto (2001), também em sua dissertação de mestrado, estuda a formação do leitor infantil, considerando a leitura como ato social e intencional, que tem a escola como instituição de apoio para sua aplicação e difusão. Por isso, a autora propõe que

sejam utilizados textos de literatura infantil na escola para que estes formem os leitores, privilegiando autores como Lobato, Ruth Rocha e Ana Maria Machado, destacado-se o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1980).

Segundo **Peixoto (1997)**, Machado constrói em sua obra por meio da ficção e fantasia um "eu-individual" que não se faz separadamente do "eu-social", um "faz de conta" que interpreta a realidade que circunda o leitor. Isso garante o caráter histórico da literatura que está em constante comunicação com o tempo e com o lugar em que se realiza. Peixoto (1997) analisa seis livros da autora: *Bento-que-Bento-é-o-frade* (1977), *Bem do seu tamanho* (1980), *De olho nas penas* (1984), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1984), *Do outro lado tem segredos* (1985) e *Praga de unicórnio* (1983).

Foram encontrados via internet dois ensaios que analisam o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1980) o de **Costa (1989)** e o de **Silva (1994).** O primeiro destaca a estrutura do texto e sua configuração; o segundo aborda a obra em uma perspectiva simbólica, analisando o diálogo que a menina faz com sua bisavó como uma retomada ao passado familiar para a construção da identidade adolescente da garota, caracterizando a narrativa como profunda.

O artigo *Ana e Ruth: 25 anos de literatura* de **Marisa Lajolo (1995)**, destaca a importância da literatura de Ana Maria Machado e de Ruth Rocha, que com textos inovadores valorizam o lúdico, aguçam a criticidade e a criatividade do leitor infantil.

O estudo de **Resende (1988)**, analisa um progresso na linguagem literária criativa, que visa à estética, iniciada por Lobato e presente na obra de Ana Maria Machado. A produção desta autora é discutida através dos livros *Bento-que-Bento-é-o-frade* (1977), *Bem do seu tamanho* (1980), e *O menino que espiava para dentro* (1983). De acordo com Resende (1988), o compromisso estético da linguagem de Machado é

visível em seus enredos repletos de fantasia, compostos por uma linguagem que atrai e prende o leitor infantil ao seu texto.

Dos onze trabalhos acima citados, quatro apoiaram sua análise em apenas uma obra da autora e seis abordaram mais de uma obra. Alguns concentraram-se em discutir a configuração e a estrutura do livro abordado; outros, utilizaram a literatura de Ana Maria Machado para estudar a constituição da Literatura Infantil brasileira, sua evolução e o papel que ela tem ao formar novos leitores. Porém, todos reconhecem a relevância do trabalho dessa autora e a importância de estudá-la e contribuir assim para o estudo histórico-crítico da literatura brasileira.

Apesar desta produção sobre Ana Maria Machado, localizada por nós, ser bastante significativa e importante para a realização de nossa pesquisa, ela aponta para a ausência de um estudo focado na *Coleção Mico Maneco*, o que friza ainda mais a relevância do nosso trabalho e nos instiga a desenvolvê-lo.

CAPÍTULO IV

PRODUÇÕES CULTURAIS PARA CRIANÇAS: LIVROS DIDÁTICOS, PARADIDÁTICOS E DE LITERATURA

Com a criação da Lei de Diretrizes e Bases de 1971, houve, a partir da década de 70, um aumento significativo de produção de livros escolares para atender à demanda nacional, como os chamados livros didático e paradidático.

De acordo com Molina (1987), todo livro em princípio, presta-se a ser utilizado para fins didáticos, ou seja, em situação estruturada e com o objetivo de ensinar algo a alguém, porém isso não quer dizer que todo e qualquer livro utilizado para tais fins possa ser considerado como didático.

O *livro didático* é um material impresso empregado para realizar um processo de ensino e aprendizagem que tem início no ambiente escolar e é desenvolvido na relação entre aluno e professor, que são os principais leitores dessa produção impressa. Como define Lajolo (1996) *"Como sugere o adjetivo, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é um instrumento específico e importantíssimo para o processo de ensino e de aprendizagem formal"* (LAJOLO, 1996 p: 6).

Com um mercado promissor no campo educacional, o livro didático foi e continua a ser objeto de grandes investimentos por parte das editoras. Devido à rápida desatualização que esses livros sofrem e por serem raramente reaproveitados pelos

UNICAMP BIBLIOTECA

alunos, são vistos como uma produção infinita e uma fonte inesgotável de lucros. Isso se deve também ao fato de que as instituições escolares organizam todo o desenvolvimento de seu currículo disciplinar em torno do livro didático, sendo este último o principal guia da prática de muitos professores. Como afirma Batista (1999):

> *"Os livros didáticos são a principal fonte de informação impressa utilizada por parte significativa dos alunos e professores brasileiros (...) parecem ser, assim, para parte significativa da população brasileira, o principal impresso em torno do qual sua escolarização e letramento são constituídos."*(BATISTA, 1999 : 531)

Sempre presente no cotidiano escolar, o livro didático tem sua importância levada além do mercado literário, pois além de "guia prático" de professores e organizador de currículos disciplinares, passa a ser um instrumento de formação e constituição social do país.

> *"Em síntese: o livro didático desenvolve um importante papel no quadro mais amplo da cultura brasileira, das práticas de letramento e do campo da produção editorial e compreende, conseqüentemente, diferentes dimensões de nossa cultura, de suas relações com a escrita e com o letramento."* (BATISTA, 1999 : 534)

Outro ramo da produção escolar destinada a crianças e jovens que apresenta grande desenvolvimento a partir da década de 80, é o dos *livros paradidáticos.* São obras usadas para ensinar conteúdos curriculares de maneira diferente dos livros didáticos, o que ocorre geralmente por meio de histórias, jogos, e até brincadeiras.

Os paradidáticos mais produzidos são os que abordam conteúdos curriculares de diferentes áreas de conhecimento, nas quais os alunos têm mais dificuldade, como

geometria, na matemática e ortografia em língua portuguesa. Estes livros tratam ainda de um tema específico, por exemplo, a "escravidão", como complementação do livro didático ou das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Segundo Melo (2004), a principal diferença entre os livros didáticos e os paradidáticos está no projeto gráfico e não necessariamente nos conteúdos abordados. Portanto os paradidáticos, assim como os didáticos, são destinados a uma clientela específica: a escolar. Como afirma Melo (2004), são novas *fórmulas editoriais* que trabalham sempre um tema por livro, abordando conteúdos do currículo escolar, porém fazem isso diferentemente do livro didático, aproximando-se mais da literatura infanto-juvenil, que também está voltada para o público infantil e é muitas vezes usada na escola.

Identificada com livros de literatura infantil esta produção impressa voltada para o público infantil, principalmente, o escolar em crescente expansão, nos leva a perceber um conjunto de obras no seu interior, muitas vezes, superpostas em sua classificação (seria obra literária, um paradidático, um livro didático?) e apropriadas por seus leitores por diferentes práticas de leitura mais ou menos previstas pelos editores/ autores/ ilustradores.

Sabendo da existência dessa diversidade de obras catalogadas como pertencentes ao campo da literatura em sua inter-face com outras linguagens não literárias, escolhemos a série "Mico Maneco" de Ana Maria Machado, na tentativa de conhecê-la em sua totalidade, complexidade e em sua singularidade.

A SÉRIE DE LIVROS INFANTIS *MICO MANECO*, DE ANA MARIA MACHADO: EM ANÁLISE

Dois projetos editoriais de *Mico Maneco*

No interior do mercado editorial, alguns livros infantis são produzidos com o objetivo de colaborar com a alfabetização das crianças e com a aquisição de suas habilidades de leitura e escrita, tendo assim o importante papel de iniciá-las na leitura.

São obras que se propõem a acompanhar os primeiros contatos com a leitura para a criança, acreditando que estes constituirão a base do processo de aquisição das habilidades para ler e compreender bem textos que futuramente poderão proporcionar reflexões críticas, individuais ou coletivas, que fazem parte também do processo de ensino e aprendizagem.

Os livros que têm o público infantil como alvo, ganham uma importância além de sua função como objeto de leitura, já que

> *"A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos – verbais, visuais, gráficos – se antecipam a ela, que os encontra como se estivessem prontos, à espera de que os assimile paulatinamente ao longo do tempo."* (ZILBERMAN, 1988 :83)

Ainda segundo Zilberman (1988), é interessante que a criança tenha saciada sua vontade de ler e aprender, tendo acesso às obras literárias já em sua fase de

aprendizagem. A série "Mico Maneco" de Ana Maria Machado é uma dessas obras que se destinam a leitores ainda em sua fase de aquisição da leitura. A série, que teve sua 1ª edição em 1982, traz em um dos livros localizados por nós, a informação de que se encontra na 22ª impressão.

Machado afirma na quarta capa dos livros que com a série *Mico Maneco*, (lançada anos mais tarde) ela e Marisa Borba, a psicopedagoga que a ajudou na elaboração dos livros, lançam um desafio aos pais e professores: o de alfabetizar por meio de livros de literatura. É uma proposta inovadora em relação ao que existia no mercado editorial na época, pois trata-se de "um convite para deixar de lado as tradicionais cartilhas e pré-livros", segundo Miriam Moreira, que faz a indicação de leitura da contra-capa dos livros da série.

Segundo Machado,

> *"(...) a Série Mico Maneco, por exemplo, (...) é uma obra. Uma obra em 20 capítulos, fascículos, contos, (...) Ela tem 20 aspectos, mas é, para mim um livro. Eu fiz isso (a Série Mico Maneco) como projeto, eu fiz uma vez só. E fiz para ensinar meu filho a ler, não fiz para editora nenhuma."* (LIMA, 1998: 131)

Nesta perspectiva, a Coleção não é criada a partir de livros publicados individualmente e agrupados por um projeto apenas visual. É uma coleção que tem em comum o tema alfabetizar com histórias de ficção, produzidas todas por uma mesma autora e ilustrador.

Mico Maneco é uma obra com vários capítulos, fascículos, que se aplica como um recurso para auxiliar e estimular as práticas de leitura. Recurso este que exige a

presença de um mediador – professor, pai ou mãe – que apresenta o livro à criança e, muitas vezes, o lê junto dela.

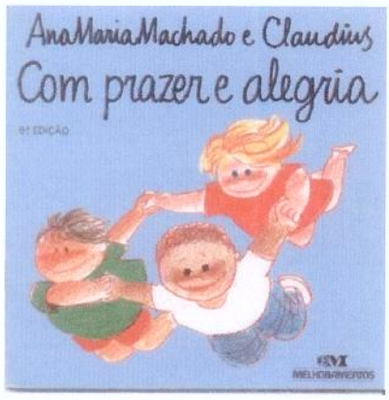
Em dois projetos gráficos diferentes, um em tamanho menor e com qualidade de papel inferior em relação ao outro, a Série aproxima as crianças ao mundo da leitura. Em edição mais simples, da editora Melhoramentos, o leitor tem acesso às obras presentes nas bibliotecas escolares através da distribuição gratuita do governo estadual de São Paulo, pela Fundação para o Livro Escolar (FLE) e pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) na década de 80. Mas a Série encontra-se ainda nos Catálogos da editora Moderna/ Salamandra com um projeto gráfico esteticamente mais vistoso e em tamanho bem maior.

Estudos de Roger Chatier (1986; 1998) apontam para o fato de uma mesma obra, uma mesma coleção receber fórmulas editoriais diferentes pensadas e criadas para atender a público leitor diferenciado. Segundo este pesquisador, os editores dão para uma mesma obra, uma outra disposição, uma nova estrutura tipográfica e textual, remodelando a apresentação do texto e do próprio objeto livro a partir da imagem/ representação do leitor que eles pretendem alcançar.

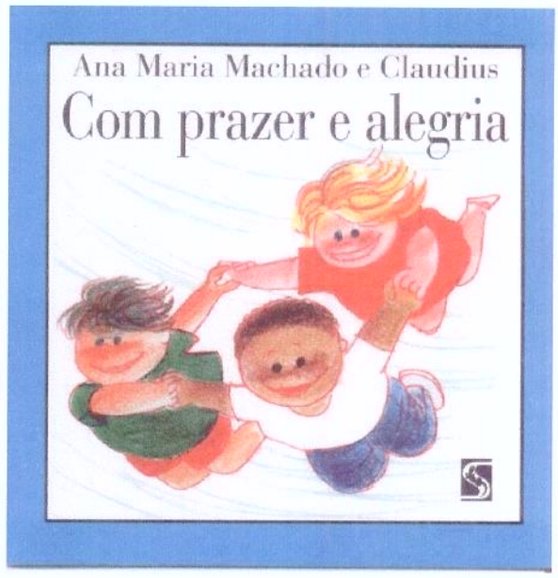
> *" (...) Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja ele, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor..." (Chartier, 1986: 126/127)*

A seguir estão ilustrados os dois formatos em que a série já foi impressa: à esquerda está o projeto visual original editado pela Melhoramentos e à direita se

encontra o formato vendido atualmente, disponível ao público, editado e formulado pela editora Salamandra.



Capa da edição publicada pela Melhoramentos



Capa da edição publicada pela Salamandra

Para Zilberman (1988), esse novo formato editorial de um formato maior, de papel de melhor qualidade, ilustrações maiores e mais coloridas e livros de cores mais chamativas pode ser motivado pela busca da ampliação do público consumidor e pelo aumento das vendas dos livros.

Nas edições da série Mico Maneco publicadas pela Melhoramentos na década de 80, o projeto gráfico apresentado é diferente do atual: o tamanho dos livros é menor e a letra da capa é cursiva, o que pode demonstrar uma tentativa de tornar o custo do projeto gráfico mais baixo. Esse projeto talvez buscasse maior aproximação com o mundo do leitor infantil, já que por ser menor possuía uma particularidade quase única e a letra cursiva, que lembra a letra de uma criança alfabetizada, também poderia se constituir em mais um atrativo para o leitor. A mudança do projeto pode evidenciar a busca por uma qualidade superior, tanto de materiais como de elaboração, para atender à demanda de um público que têm se modificado nos últimos vinte anos, desde que a série foi lançada, e que hoje exige mais qualidade e projetos mais bem produzidos. A

mudança para a letra de forma também pode evidenciar uma maior preocupação com os objetivos pedagogizantes dos livros, já que de acordo com as novas orientações no campo da educação e da construção do conhecimento da escrita, ela deve ser a primeira ensinada à criança.

Manuseando a edição de 1986 da Melhoramentos, vimos que o livro tinha em sua quarta capa a explicação de que a série foi desenvolvida para crianças a partir dos seis anos de idade que estavam começando a ler sozinhas. Por esse motivo, o texto no interior dos livros era grafado com letras grandes e vinha escrito em torno de um mesmo conjunto de sílabas, o que remete à idéia de cartilha:

> "A série MICO MANECO foi especialmente desenvolvida para crianças a partir dos seis anos, que estão começando a ler sozinhas. Para isso as frases são curtas, as letras de tamanho grande e as ilustrações apóiam e reforçam o texto que é todo desenvolvido a partir do mesmo repertório de sílabas".

A quarta capa ainda prestava informações quanto à ordem da leitura: "sugerimos que a leitura dos livros que fazem parte dessa série seja orientada na seguinte ordem: "*Cabe na mala, Tatu bobo, Menino Poti* e *Mico Maneco*".

Atualmente, a coleção é vendida pela editora Salamandra em um novo formato editorial e estas indicações, que deixavam claro a intenção de que os livros se constituíssem como ferramenta auxiliar na aquisição da leitura e da escrita, não mais estão presentes, indicando, talvez, uma incorporação de novas tendências em relação ao ensino/ aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita:

> *"O princípio da progressão controlada, baseado na idéia dos elementos já dominados ordenando as dificuldades progressivamente com cronogramas minuciosos, estabelecendo o que vem antes e o que vem*

> *depois no ensino e na aprendizagem, amarra de tal forma o processo de alfabetização, que os alunos passam a fazer somente o que o professor manda."* (CAGLIARI, 2002 p. 96)

Assim, a retirada das indicações de leitura nos leva a pensar que os mesmos propósitos que motivaram o surgimento dessa série de livros permanecem, porém sem a orientação explícita na forma seqüencial e gradativa da leitura. A ênfase é no estímulo à prática da leitura, no encontro da criança com os livros.

Hoje, no lugar das indicações encontra-se a fala da autora destacando quando e como surgiu a série, e o porquê: para ajudar seu filho a aprender a ler e escrever, o que depois se estende a outros leitores: crianças que *"já estão no ponto de aprender a ler"*. No depoimento da autora pode-se compreender também que ela pressupõe um outro público leitor: os pais, professores, os adultos, que irão fornecer a leitura dessas obras para a criança que se encontra nesse estágio e que pode ser alfabetizada divertindo-se. Como se pode ver, na fala de Machado presente nos dois projetos editoriais da série:

> "Quando meu filho Rodrigo tinha uns quatro ou cinco anos, nós morávamos na Inglaterra. Um dia descobri que ele estava começando a ler em inglês. Logo vi que, se eu não fizesse alguma coisa, ele iria ficar letrado na língua dos outros e analfabeto na nossa. Inventei então um jogo com sílabas escritas em cartões. Era muito divertido: íamos juntando os cartões, formando palavras e inventando histórias. (...) começamos pelas sílabas que ele tinha começado a falar: as vogais, o "ma", "ba", "pa", "la" e seus companheiros. Anos depois resolvi dividir essa alegria com todas as crianças que já estão no ponto de aprender a ler e ficam se chateando com cartilhas sem graça." (MACHADO, na quarta capa dos livros da série)

Os livros editados, atualmente, pela Salamandra, têm também formato maior, letras grandes e de fôrma na capa e em sua contracapa apresentam a fala da autora. Nela, Ana Maria Machado, destaca que seu trabalho é o de escritora e não de pedagoga: *"Nunca estudei pedagogia. Meu negócio é contar histórias, inventar escrita"*. Esta informação parece indicar que a autora quer demarcar de que lugar ela produz e com o qual se identifica, construindo assim um discurso de "defesa" às críticas que possam vir do campo da educação.

A escolha por algumas obras de *Mico Maneco*

Mico Maneco, publicada pela Melhoramentos e pela Salamandra, é composta por cinco séries com quatro livros cada uma, totalizando 20 livros. Neste momento de nosso trabalho, optamos por uma metodologia denominada qualitativa, e por isso, selecionamos dentre esta Coleção, apenas **um** livro de cada série, entendendo que através de uma parte tornar-se-á possível uma compreensão do todo em sua diversidade e ao longo do tempo, no qual a coleção foi lançada. Adotamos nessa pesquisa, a metodologia identificada como estudo de caso, que de acordo com Lüdke e André (1986), se define como:

> *"(...) o estudo de* ***um*** *caso, seja ele simples e específico, (...) ou complexo e abstrato. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular."* (LÜDKE e ANDRÉ, 1986 p. 17).

Diferentemente de uma análise em que faríamos a análise de toda a série, neste trabalho, como já dissemos, interessamo-nos por estudar a série a partir de uma parte

dela como representativa de sua totalidade. O estudo de caso voltado para um campo de análise menor, permite a busca da descoberta no detalhamento de alguns aspectos constituintes e constitutivos do objeto investigado e a revelação de uma experiência que possa ser aplicada em casos semelhantes ao estudado.

Os livros da editora Salamandra selecionados para a análise foram os seguintes: *Mico Maneco,* da série Mico Maneco I, por ele ser o responsável pelo nome dado à toda a série e pela ludicidade de seu texto; *Uma gota de mágica* (série II), pela impressão que nos causou já na primeira leitura; *No barraco do carrapato* (série III) por ter sido premiado como "Altamente recomendável" pela FNLIJ em 1985 e por apresentar tanto o texto como as ilustrações de forma interessante e atraente ao leitor; *A zabumba do quati* (série IV) editado em braile em 1993 possibilitando a ampliação do público leitor; *Com prazer e alegria* (série VI) que tematiza poeticamente o ato da leitura e encerra a série convidando o leitor a adentrar no universo literário. Optamos por estudar o projeto editorial da Série que está no mercado: o da Salamandra, porém não desconsideraremos o projeto original editado pela Melhoramentos, em 1988.

Cada livro foi lido e relido várias vezes, integralmente na edição selecionada. Durante as leituras, fomos anotando e assinalando aspectos que nos chamavam à atenção em relação ao enredo, caracterização do personagem; tema abordado na obra; linguagem verbal e não verbal. Simultaneamente, fizemos uma (re) leitura sobre textos críticos sobre a obra de Ana Maria Machado (MACHADO, 1983). A partir dos aspectos destacados durante a leitura de cada obra, fizemos uma organização aproximando cada obra lida a outra através de elementos comuns: projeto gráfico das obras, linguagem verbal, ilustração, a construção do texto. Na escrita da análise, ora destacávamos a linguagem, ora o enredo. Não nos preocupamos em esgotar cada aspecto em cada obra.

As capas: um olhar visual

As capas dos cinco livros analisados por nós chamam atenção do leitor quando colocadas lado a lado, tanto pela coerência visual que trazem quanto pelo cuidado na apresentação dos personagens principais que nos dá de imediato, uma imagem de algo descontraído, alegre, em movimento.

Os livros da Editora Salamandra disponíveis para consumo, hoje, e sobre os quais nos deteremos têm as dimensões de um quadrado perfeito: vinte centímetros de altura por vinte centímetros de largura e todos têm vinte e quatro páginas, permitindo que um leitor associe cada uma das obras como pertencente a mesma Coleção.

Chartier (1996) referindo-se à marca dos editores de Troyes ao criarem a *Bibliothèque Blue* comenta que:

> *"Os editores de Troyes propõem ao seu público textos que originam séries, quer pela identidade do seu gênero (vida de santos, conto de fadas, romances de cavalaria, etc.) quer pela unidade do campo de práticas em que são utilizáveis (exercícios de devoção, recolhas de receitas, livros de aprendizagem, etc.) quer ainda pela sua temática reencontrada em formas diferentes (...) são assim criadas redes de textos, que por vezes remetem explicitamente uns para os outros (...)"* (CHARTIER, 1996 p. 174)

Neste caso, pelas capas já antecipamos livros que pertencem a uma mesma coleção destinada ao leitor infantil, provavelmente apreciador de livros finos, papel mais resistente e um tamanho e formato para um fácil manuseio no momento da leitura.

Todas as capas apresentam-se inteiramente de uma cor chamativa: vermelho, lilás, rosa, azul e bem fortes, como o marrom. Os nomes da autora e do ilustrador ficam lado a lado, não havendo explicitação de quem escreve o livro e quem o ilustra, como se fosse uma parceria em que um não é mais importante que o outro. Os títulos das obras são apresentados sempre abaixo dos nomes da autora e do ilustrador em tamanho maior. Observamos que os títulos da série I são todos curtos, o que possibilita a utilização de uma fonte maior para escrevê-los, facilitando também a leitura da criança em fase de aquisição dessa prática. Os títulos já anunciam na capa o conteúdo "escolar" que a obra pretende tematizar. Através deles pode-se ter a idéia de quais grupos de sílabas serão abordados no livro, por exemplo: em *Cabe na Mala*, primeiro livro da série I, contêm "ma", "ba", "be", "ca", "co" e assim por diante.

A ilustração presente nas capas é composta por desenhos dos personagens das histórias e se repete no interior dos livros no desenrolar das narrativas. Mas têm nas expressões do rosto, uma imagem feliz, travessa, de curiosidade, um largo sorriso. Por exemplo, no livro *A zabumba do quati,* o bichinho que tem um longo nariz parece estar radiante tocando sua zabumba, enquanto que Mico Maneco, o macaco de longo rabo enrolado, abre os braços e o sorriso, saltitando na capa. Caricaturalmente desenhados, olhos arregalados e boca alongada, provocam um certo humor e graça nos personagens que buscam cativar o leitor infantil não por um ar sisudo ou de preocupado. Por outro lado, os personagens ali estampados nos dão uma idéia de movimentação: personagens pulam, voam, tocam, escapam ou apenas observam uma gota que cai de uma torneira. Em *Com prazer e alegria*, em que três crianças parecem voar de mãos dadas, ou em *No*

barraco do carrapato onde a "Sapa" que é ilustrada com características humanizadoras (usa batom, vestido de bolinhas, cílios pintados), sorri, parece estar em movimento. Indo para onde? Poderíamos pensar, que estes personagens assim representados podem oferecer aos seus leitores, uma imagem de criança não passiva, não estática, não acomodada? Uma imagem de uma criança que gosta de situações e personagens engraçados e felizes?

Os personagens (crianças, bichos, brinquedos) com contornos bem visíveis e demarcáveis são facilmente reconhecíveis pelo leitor infantil. Todos eles parecem ter sido pintados, coloridos com lápis aquarela, mas para serem pintados, coloridos pelos leitores. Esta ilustração nos remete às revistas infantis em circulação que convidam à criança para pintar seus personagens.

Interessante destacar que dois desses 5 livros selecionados trazem com destaque a criança negra. Em *Uma gota de mágica*, livro da série Mico Maneco II, da cor roxa, a ilustração apresenta uma menina negra, ainda criança que deitada no chão observa as gotas de água pingarem da torneira em uma lata. Em *Com prazer e alegria* entre uma criança loira de olhos azuis e um menino branco de cabelos castanhos, vemos uma criança negra. O fato das crianças das capas serem negras e não se encaixarem na definição de "criança-padrão" já que, de acordo com Abramovich (1997) *"Sendo menino ou menina, a criança-padrão é branca, de classe média, bem alimentada, tratada, bem vestida, bem cuidada..."* (ABRAMOVICH, 1997 p. 40), parece indicar a intenção de inclusão por meio da presença da criança negra e também de levar à criança leitora um pouco da diversidade real em que vivemos. Para Abramovich (1997) preconceitos não são transmitidos apenas por meio de palavras mas também de imagens e está aí a relevância de ilustrações mais realistas e menos estereotipadas.

Em ambos os livros, se antecipa por meio das capas o que será também desenvolvido no decorrer da história: a interação entre negros e brancos. Esse fato pode ser considerado positivo, partindo da afirmação de Abramovich (1997) de que o negro, na literatura infantil é sempre representado como:

> *"(...) desempregado, subalterno, tornando claro que é* ***coadjuvante*** *na ação e, por conseqüência, coadjuvante na vida... Se é* ***mulher*** (grifos nossos), *é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda (...) importa que sua apresentação não seja das mais audaciosas ou belas... Altivos e elegantes? Nunquinha..."* (ABRAMOVICH, 1997 pp. 36/37).

As cinco capas analisadas enquadram-se como qualquer outra do gênero literatura infantil que se mostra chamativa pela cor, pelo personagem principal ilustrado nelas que fazem parte do imaginário infantil (bichos, crianças, brinquedos). O colorido, as ilustrações mais chamativas que parecem ter sido pintadas com lápis de cor ou giz de cera, o tipo de letra utilizado, de fôrma e em tamanho maior, são instrumentos que buscam chamar a atenção e conquistar o público alvo dessa coleção: o de crianças que estão se iniciando na prática da leitura e da escrita e adentrando no mundo da literatura infantil.

As ilustrações no interior dos livros

As ilustrações presentes nos vinte livros que formam a coleção são todas de autoria do mesmo ilustrador, Claudius, apresentam como marca um cuidado estético com estilo de traços simples, caricaturais e cores fortes.

Em todos os vinte livros da série *Mico Maneco,* a dupla formada por Ana Maria Machado e Claudius permaneceu. Zilberman (1988) destaca a importância da parceria constante entre a escritora e o ilustrador:

> *"como se a mudança de um deles alterasse a concepção (lingüística) do todo. É notável ainda a presença de nomes prestigiados tanto na literatura infantil como nas artes gráficas brasileiras (...) o renome dos ilustradores (...) sugere a importância atribuída ao aspecto visual, que se mostra elemento capaz de efetivamente atrair a criança e motivar o consumo."* (Zilberman, 1988 : 87)

Nos livros selecionados, como também nos demais, as ilustrações intercalam as páginas que contêm o texto escrito e têm como objetivo principal elucidar a ação desenvolvida na narrativa. Nesta perspectiva, as ilustrações reafirmam nas imagens o que está escrito na página ao lado, dando condições da criança que ainda não sabe ler acompanhar o desdobramento da história. Como se pode ver nas páginas 8 e 9 do livro *Mico Maneco* que contêm o texto escrito e sua ilustração, onde o Mico Maneco pede um pouco de doce à Mona Maluca e ela lhe dá a bananada.

Página 8

página 9

O fato de toda ação que ocorre no texto escrito ser repetida pela ilustração pode ser um indicativo da preocupação do projeto editorial em facilitar a assimilação da criança,

que ainda está em fase de aquisição da leitura, entre o que está escrito e o que está ilustrado. Porém para Regina Zilberman *"o paralelismo – a ação repetindo-se e sendo suplementarmente reiterada pela ilustração – prejudica o andamento da narrativa"* (Zilberman, 1988 pp. 91), como também pode empobrecer, limitar os sentidos produzidos pela leitura.

Mas se a ilustração indica com conteúdo o que os personagens principais fazem, cabe destacar nesta obra, que eles estão ilustrados com humor e graça. A Mona Maluca chega a ser grotesca com sua saia de babado, sutiã, fita no cabelo, cintura delineada, batom vermelho, rímel nos olhos, e o macaco, que se encontra ao seu lado, com ar de surpresa, de decepção, cria um efeito humorístico na cena. O uso do balão de pensamento, próprio da linguagem das histórias em quadrinhos, também enriquece a ilustração.

De um modo geral, as ilustrações colocadas nesta Coleção indicam uma preocupação em não rotular seus personagens, a cor, etnia, classe social,o que podemos comprovar nos livros selecionados. Em *Uma gota de mágica*, a criança representada nas ilustrações é alguém que não provém de classe média, mas sim de classe mais popular já que o cenário em que se desenrolam o primeiro e o segundo quadro é parecido com o de um conjunto habitacional popular. Percebe-se aí também a preocupação de Ana Maria Machado e de Claudius em retratar a realidade de muitas crianças brasileiras que dificilmente encontram ilustrações com as quais se identifiquem nos livros de literatura infantil, onde em geral, a criança retratada é branca, loira de olhos azuis e vive em um cenário típico de classe média. Além disso, a partir das intenções manifestadas pela autora ao produzir suas obras, como a de utilizar *"uma linguagem brasileira acessível"* (MACHADO, 1996: 55) e de produzir uma literatura *"muito boa e muito brasileira"* , como ela afirma na quarta capa dos livros da série, podem explicar a escolha por

representar nas ilustrações cenários e personagens caracteristicamente brasileiros, como o "menino Poti", personagem do livro de mesmo nome da série I, que é um indígena habitante de uma tribo na qual vive cercado por seus familiares e por animais típicos da fauna brasileira.

Em *Com prazer e alegria* os três personagens ilustrados, dois brancos e um negro, como já comentamos na análise das capas, têm a mesma participação na história e têm roupas bonitas, são vistosos, não há distinção social entre eles, representando assim talvez o desejo da autora e do ilustrador de uma convivência que respeite as diferenças mas que não as veja como algo que separe as pessoas, mas sim que as agregue.

Assim, as ilustrações, além de oferecerem boa qualidade e de serem mais um atrativo da obra, proporcionam uma variedade ampla na caracterização dos personagens, baseando-se na identidade nacional para compor seu repertório, já que apresentam índios, negros e brancos, pessoas de diferentes tons de pele e cabelo, frutos de várias etnias, tentando aproximar-se mais do cotidiano real do leitor infantil e da realidade brasileira.

No primeiro projeto editorial da série lançado no mercado pela editora Melhoramentos, as ilustrações eram mais opacas, menos coloridas e em alguns casos, mais simples, de fundo branco. Nas edições disponíveis para a compra hoje, publicadas pela Salamandra, as ilustrações sofreram modificações em busca de mais vivacidade para os desenhos: seu colorido é mais forte, as expressões dos personagens estão mais acentuadas, o contorno melhor definido e os planos de fundo estão mais elaborados, causando um resultado melhor na produção das imagens. Algumas ilustrações presentes no novo formato da série nos impressionaram pela firmeza de seus traços, embora pareçam provenientes da grafia de uma criança pela simplicidade que apresentam. Também produzem efeitos únicos e iluminados, como se pode ver nas imagens a seguir:

movimento dos traços feitos por Claudius, participando da cultura letrada no folhear dos livros.

O letramento não é um processo que depende apenas da aquisição da escrita ou somente da leitura. Para Soares (1998),

> *"...letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, com valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social."* (SOARES, 1998 p. 75).

Assim, esse projeto mais do que alfabetizar com letras, deixa a criança em contato com práticas de leitura, com textos de qualidade, para que se familiarize com a escrita e seus símbolos mesmo antes de compreendê-los e participe do mundo letrado.

Disposição gráfica: letras e formas

Todos os livros que compõem a obra de Ana Maria Machado apresentam a mesma tipologia gráfica: a mesma fonte é utilizada, apresentando variações apenas quanto ao seu tamanho. Em ambos os projetos gráficos conhecidos, o tipo de letra utilizado na impressão dos livros da série *Mico Maneco* é a letra de fôrma ou de imprensa, sendo que de acordo com o número de palavras presentes na página, as letras podem ser maiores ou menores. O texto se dispõe na parte superior da página, alinhado à esquerda e as frases têm amplo espaçamento entre si, deixando ainda, na maioria das vezes, a página quase pela metade, em branco. Verificamos também que nos livros que

compõem a série I, o texto é sempre composto por poucas frases e por isso é curto, apresentando letras em tamanho maior. À medida que se avançam as séries da coleção (I, II, III, IV e V), cresce a complexidade dos textos escritos e as letras vão diminuindo para que, conseqüentemente, caibam mais palavras e frases na página, o que parece convir às expectativas, competências e habilidades do jovem leitor a que se destinam.

A opção pela letra de fôrma, o espaçamento entre as linhas, a sua disposição no espaço e o aumento gradual do tamanho das letras seriam um indicativo das intenções pedagógicas e alfabetizantes presentes nos textos dos livros da obra? Sabemos que as últimas orientações no campo da educação, salientam a importância de iniciar a criança às letras, através do traçado de fôrma.

Cagliari, 1999 defende primeiramente apenas a utilização do alfabeto de letras de forma maiúsculas pois *"é uma forma mais fácil (...) de se chegar ao aprendizado da leitura"* (CAGLIARI, 1999 p. 49) e que a adoção desse alfabeto desde os primeiros contatos da criança com as letras, pode evitar uma série de problemas na aquisição da escrita mais tarde.

Desde a produção do projeto visual da série estão presentes elementos que indicam a preocupação com a faixa etária de leitores a que o livro se destina, que são as crianças em fase de aquisição da leitura e da escrita. Por esse motivo os livros apresentam um formato maior, letras de fôrma, e um conjunto de textos que se desenvolvem gradativamente, aumentando sua complexidade de acordo com a série a que pertencem, visando trabalhar em cada um grupos silábicos diferentes e assim contribuir à alfabetização do leitor.

São marcas como essas presentes na elaboração e concretização do texto, de sua tipologia e disposição que colaboram para a percepção e compreensão dos objetivos

pedagógicos que norteiam a concepção da série, já anunciada pela autora na capa de trás dos livros.

No entanto, as intenções pedagógicas ficam "escondidas" na forma como os livros são apresentados (as ilustrações coloridas, os personagens ligados ao imaginário infantil) assemelhando-se a qualquer outra obra de literatura para crianças, apresentando-se como livros para entretenimento, lazer, ficção, imaginação que procuram conquistar o leitor criança.

O texto escrito: como diz o que diz

O que podemos dizer sobre o modo como a linguagem se concretiza nestes livros? Que marcas podem ser observadas no texto feito por palavras que apontam uma certa concepção de alfabetização? Ou preocupação com sua literalidade?

Em geral, como já dissemos, os textos são escritos em frases curtas, em letra de fôrma, apresentando repetições de grupos silábicos, o que evidencia a intenção pedagógica que os norteia. Em alguns livros da série o texto sofre modificações do antigo para o novo projeto editorial. Em *Cabe na mala*, por exemplo, foram acrescentadas ou alteradas pontuações e palavras, o que pode ter ocorrido para melhorar a compreensão do texto por parte do leitor, já que antes, no projeto antigo, onde estava escrito: *"Na vila a vaca vê tudo. (...) E nada cabe na mala. A mala leva o tatu"* (pg. 12) hoje, no atual projeto se lê *"Na vila a vaca vê tudo.* ***Mas*** *nada cabe na mala. A mala* ***já*** *leva o tatu."* (grifo nosso).

A inclusão das conjugações "mas" e "já", não só dá ao leitor um novo sentido na leitura, como também revela uma explícita revisão na linguagem, talvez evitando a

UNICAMP ... TECA

noção de texto formada de frases soltas, desarticuladas, apenas orientadas pela repetição de sílabas que se pretende ensinar no momento de aprendizagem da escrita.

Segundo Chartier (1996) editores, autores e ilustradores operam intervenções nos textos em novas edições e novos projetos editoriais com objetivo de remodelar a própria apresentação do texto *"fazendo-o em função dos leitores que desejam ou pensam atingir"*.(CHARTIER, 1996 p. 174).

De acordo com os PCNs, (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa (1997), na década de 80 a unidade básica de ensino passa a ser o texto:

> *"Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto..."* (PCN, 1997 p. 35/36).

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüência de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para se formar frases e a juntar frases para formar textos. Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com "textos" que só servem para ensinar a ler (PCN, 1987 p. 35).

Para os PCN, esta concepção de texto como um amontoado de frases simplificadas e fragmentadas, influencia uma produção editorial dirigida à escola:

> *"Essa visão do que seja um texto adequado ao leitor iniciante transbordou os limites da escola e influiu até na produção editorial: livros com uma ou duas frases por página e a preocupação de evitar as*

> *chamadas "sílabas complexas". A possibilidade de se divertir, de se comover, de fruir esteticamente num texto desse tipo é, no mínimo, remota. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre crianças e textos há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos das crianças – simplificando-os -, no lugar de aproximar as crianças dos textos de qualidade".* (PCN, 1997 p. 36).

Assim, neste caso poderemos pensar que tal intervenção editorial pode ser uma preocupação com a crítica já construída a partir dos anos 80 no campo da educação sobre os textos cartilhescos e seus métodos de alfabetização seqüenciais e gradativos, e a defesa de uma concepção de texto em suas condições enunciativas.

Em *Mico Maneco,* livro da série I, a narrativa se desenvolve em torno de dois personagens de natureza animal: o "Mico Maneco" e a "Mona Maluca". Os dois macacos que são apresentados nas primeiras páginas, já com palavras que têm as famílias silábicas m, n, c, d, etc., e depois interagem juntos dividindo um doce, a bananada, como podemos ler no trecho a seguir:

(8) *"Mico Maneco pede*
banana.
Mona Maluca
dá bananada.

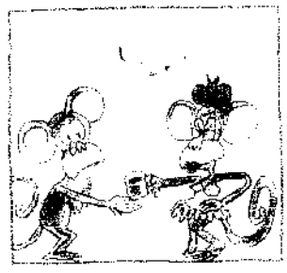
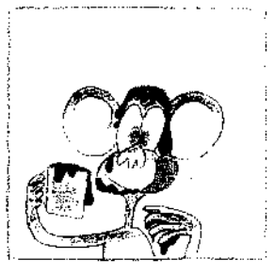


Ilustração da página 9

(10) *Mico Maneco leva*
bananada no caneco.
A bananada
no caneco
de Mico Maneco
é bananada

muito mole.

(12) *Epa! Mico Maneco*
ficou todo melado...
De lama?
Não!
De bananada
danada de mole.



(14) *Mona Maluca*
pede o caneco
de bananada.

Ilustração da página 15

(16) *O levado*
do Mico Maneco
dá uma canecada.
De bananada?
Nada.
Canecada na cuca
de Mona Maluca." (pp. 8/16).

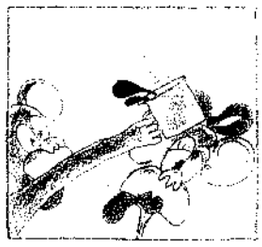


Ilustração da página 17

As repetições fonética e gráfica visam facilitar a assimilação do alfabetizando entre o visual e o sonoro, demonstrando mais uma vez o caráter didático presente em toda a obra. Entendemos que os livros foram produzidos em uma época onde as cartilhas tradicionais imperavam nas escolas alfabetizando por meio do "ba – be- bi- bo- bu" e que a autora pensou em oferecer diferentemente de forma mais atraente para a criança o ensino das letras.

Neste caso embora possamos afirmar que há um direcionamento para a apresentação de palavras com sílabas simples (sem dígrafos, por exemplo) na criação do texto verbal, a autora optou também por apresentar simultaneamente três consoantes, diferentemente do que ocorre nas cartilhas, o que mostra uma inovação na concepção de alfabetização.

A disposição do texto em frases mais longas e mais curtas também dá um ritmo de leitura e produz sentidos diversos. São pausas determinadas por mais ou menos palavras em cada frase, que orientam a atenção do leitor para um entendimento da história:

(16) *"De lama?*
Não!
De bananada
Danada de mole."

Percebe-se no texto a literalidade com que escreve Ana Maria Machado, procurando mesmo em meio às repetições de sons e fonemas da grafia, que mais uma vez evidenciam as intenções pedagógicas entrelaçadas à sua literatura, "rechear" o enredo com humor e jogos lingüísticos que atraem o leitor infantil. Zilberman (1988), ao analisar um dos livros da Série *Mico Maneco* ao final da década de 80, afirma que os objetivos didático-alfabetizadores *"condicionam a feitura da obra, que vem a exemplificar o projeto expresso na quarta capa e efetivamente concretizado no texto"* (ZILBERMAN, 1988: 91) e que esse caráter pedagógico pode muitas vezes prejudicar a qualidade literária do texto, que por assumir como prioridade a função de auxiliar na alfabetização pode se empobrecer literariamente.

Neste caso, as rimas (**cuca**, ma**luca**; canec**ada**, dan**ada**; can**eco**, Man**eco**); o jogo de uma sílaba dentro de outra (**nada**, banan**ada**; **banana**, **banana**da;); a troca de uma letra na criação de outra palavra (ba**na**nada, **da**nada; **cu**ca, ma**lu**ca); o jogo na pontuação (! ? . ...); mais o humor de um macaco melado de banana, que enraivecido com a Mona

Maluca lhe dá uma canecada, dá ao texto um cuidado em sua construção, uma preocupação com sua literalidade em condições de igualdade com a pedagogia.

O livro *Uma gota de mágica*, por sua vez, apresenta uma narrativa que tal como a poesia concreta, desenha o que diz, concretiza visualmente o que o texto narra, descreve, anuncia. O livro tem como personagem principal Joana, que todos os dias acorda, come bolo de fubá e vai com uma lata buscar água da bica:

(4) "Lá a gota cai

na lata gota a gota,

gota

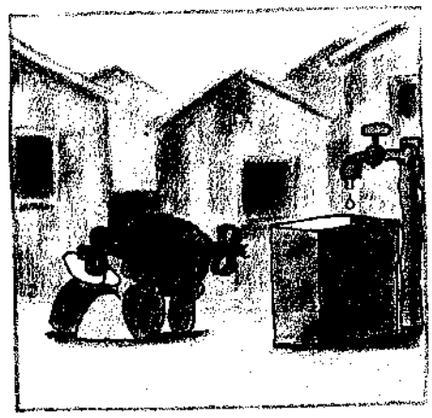
a

gota,

e Joana

imagina,

imagina...

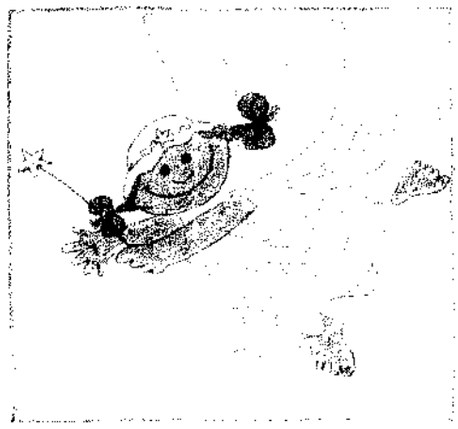


A configuração do texto na página nos remete ao pingar das gotas, apresentando um sentido poético e metafórico, como se o texto também gotejasse e como se, a cada gota, um pensamento de Joana surgisse e ela desse asas a esses pensamentos entrando no mundo da imaginação. Essa ludicidade visual presente no texto pode cativar o público alvo dessa coleção que por ser criança também se identifica com a personagem pensativa, imaginativa.

Diferentemente de *Mico Maneco* em que o texto escrito joga com espaço em branco da folha apenas aumentando ou diminuindo frases, no trecho acima destacado de *Uma gota de mágica*, a repetição da mesma palavra desenha na folha o trajeto da gota que cai e metaforiza o som repetido de uma gota que cai insistentemente (gota, gota, gota,

imagina, imagina). Em um outro trecho da mesma obra, Joana imagina, a partir das gotas que caem:

(6) "Imagina um belo lago mágico,
uma dama de gola leve,
uma fada bonita
de véu no cabelo



Nesta obra, que retrata uma menina simples, habitante de casas populares e que busca água na lata da bica, algo que dificilmente ocorreria com a "criança padrão" de Abramovich (1997), Machado retrata o cotidiano e a realidade de muitas crianças que comumente são excluídas da literatura infantil, sem com isso estigmatizá-la como "pobre coitada", criando uma Joana criança capaz de imaginar e com isso mantêm viva a possibilidade da personagem penetrar outros mundos e de libertar seu pensamento, como qualquer outra criança.

No texto escrito de *Uma gota de mágica* se encontra a qualidade literária esperada de uma obra de autoria renomada como esta, sem com isso fugir dos propósitos que norteiam o projeto: de apresentar por meio da literatura infantil e brasileira, textos capazes devido à sua composição, de auxiliarem crianças na aquisição das práticas de leitura e de escrita.

O livro *No barraco do carrapato,* premiado com "Altamente Recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infanto-juvenil em 1985, narra o passeio da "Sapa" que sai

em uma "jornada" em busca de seus sapatos e tenta ir de carroça até o morro onde fica o barraco do "Carrapato". A personagem interage com outros três personagens também animais: o "Mico Maneco", o "Burro" e o "Sapo". A história começa com a apresentação da personagem, ao mesmo tempo em que apresenta sua intenção didática: trabalhar os grupos de sílabas. Vejamos:

(2) *"A sapa saiu pela rua toda catita.*
Uma sapa muito bonita.
De roupa nova e saia de fita.
Mas no pé, nada de sapato.
Sem bota,
sem botina
Sem pé-de-pato".

Ilustração da página 3

Além do humor e da qualidade perceptíveis no trecho acima, há sempre presença da rima, o que dá uma sonoridade e um ritmo diferentes, que deixam a leitura mais agradável e fluente, que caracterizam um personagem no jogo do que tem e não tem (pé de pato) e no jogo entre o texto e ilustração (pé de pato). Teria um sapo que ter pé de pato? Por que na ilustração ele o tem?

(4) *"- Mico Maneco, cadê meu sapato?*
- Ficou sujo de barro, no meio da terra,
no barraco do Carrapato."

Ilustração da página 5

(6) "- *Lá na serra?—falou a sapa.*
- Já vou lá.
E pediu:

- Burro, sabe como se vai até o
barraco do Carrapato? Me leva lá..."

(8) "– Sei – falou o burro.
- Sobe no meu carro e eu corro.
Subo a serra e vou ao morro."

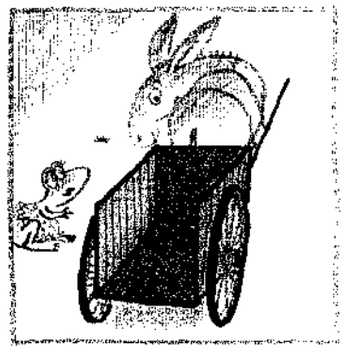


Ilustração da página 9

Nas últimas frases escritas acima, pode-se ver que a rima leva à repetição de sons semelhantes como: "corro" e "morro", "terra" e "serra", "barraco" e "carrapato"entre muitos outros, que não somente contribuem para o aspecto poético do texto mas também aproximam-se do popular "trava-língua", que segundo Zilberman (1988), leva

> *" a criança, de certo modo, a prestar atenção à sua leitura, sob pena de trocando as letras, modificar o sentido das palavras. (...) a criança acha graça enquanto decodifica a obra, dado o efeito cômico previsto nas armadilhas lançadas pelas palavras, fonicamente aparentadas"* (ZILBERMAN, 1988: 91)

O problema que motiva toda a ação na narrativa, a busca do sapato da "Sapa", só é resolvido quando ela, após descer da carroça do "Burro" que sacudia demais e a deixava toda doída, desiste de buscar seu sapato e chora pedindo ajuda ao "Sapo".

(20) *"O sapo falou:*
- Sapa bonita,
não seja boba,

não seja pateta.

Sapa bonita,
seja levada,
seja sapeca.
Sapo não vai de carro.
Sapo vai de pulo.
Vem comigo, amiga."

Ilustração da página 21

(22) "E no pula-pula
o sapo levou a sapa
até o sapato sujo de terra,
no barraco lá da serra."

Ilustração da página 23

O conflito gerado pela perda do sapato e por sua busca prende o leitor ao desenvolvimento da narrativa e o faz esperar por uma solução. Porém, quando a "Sapa" desiste de buscar o sapato e desce da carroça, há uma quebra na seqüência dos acontecimentos onde aparece um terceiro personagem, o "Sapo", que a auxilia a chegar até o barraco do Carrapato e achar seus sapatos com seus próprios meios, o que gera um final inesperado. Assim, *"No barraco do carrapato"* se constitui como uma leitura prazerosa não só por sua qualidade, mas também por não ser previsível, surpreendendo o leitor. Em busca de algo perdido, ela encontra diferentes amigos dispostos a ajudá-la, mas apenas um (o Sapo) a ensina a ir a algum lugar conforme sua própria natureza e capacidade.

O livro *A zabumba do quati*, que pertence à série IV, destacado para nós por ter sido editado em braile e por isso ter ampliado o público consumidor da Série. A história

tem início com a apresentação de um personagem novo, que não aparece nos outros livros da Série, o "Quico":

(2) *"No galho daquele ipê-roxo*
mora um velho amigo
de Mico Maneco.
É o Quico, um caxinguelê
– bicho que muita gente chama
de serelepe. Um tipo de esquilo
desta mata, pequenino
e de rabo peludo, meio vermelho."

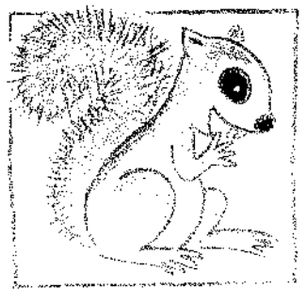


Ilustração da página 3

(6) *"Mexe em tudo, fuça tudo,*
dá cambalhota feito palhaço.
Não pára quieto.
Agora quer dançar.
Arrumou uma sanfona e
disse que vai fazer um forró.
- Vou fazer um pífano
de taquara. Só fica faltando
caixa. Quero uma zabumba,
quati – pediu ele."

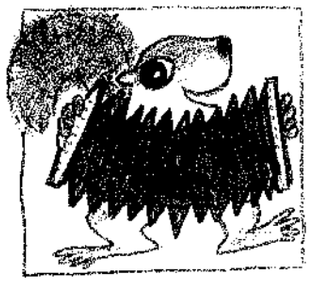


Ilustração da página 7

Nessa fase da história, surge o conflito que motiva os fatos seguintes, já que o quati não sabia o que era uma zabumba e tinha vergonha de perguntar com medo que zombassem dele. Ele só sabia que era uma caixa que tocava música. Quando saiu para caminhar, encontrou uma caixa redonda de madeira fechada:

(12) "*Encostou o focinho*
e cheirou. Encostou
a orelha e escutou.

Então sorriu,
fechou a tampa e chamou:
- Quico, venha ver!
- Achei a zabumba!

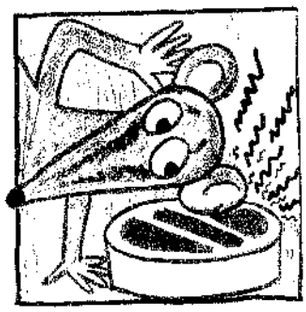


Ilustração da página 13

(14) *O caxinguelê chegou*
e deu uma gargalhada:
- Que zabumba, que nada!
Isso é uma caixa velha,
uma caixa de queijo..."

Ilustração da página 15

(16) – *Mas é uma caixa que*
toca música. Ouça.
O caxinguelê ouviu.
Tinha mesmo um barulho esquisito

na caixa fechada. Uma zoada.
Como se a caixa
estivesse zangada
e quisesse sair
zunindo por aí.

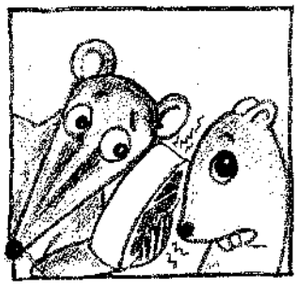


Ilustração da página 17

(18) *Sabe o que era?*
Um mosquito zangado,
se queixando, fechado
no escuro da caixa.
Quando o caxinguelê tirou a tampa, ele...

ZÁS!

Zuniu.

Sumiu.

E não zumbiu mais."

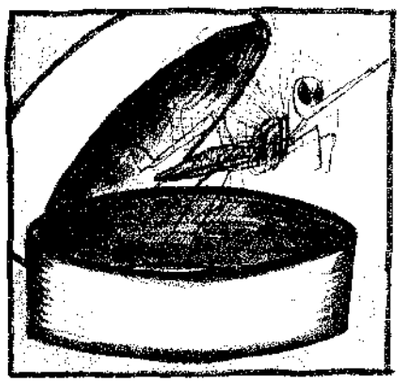


Ilustração página 19

Aqui, como em *No barraco do carrapato,* o texto se estrutura em torno da resolução de um conflito, que no caso é a procura por uma zabumba. Porém os fatos que ocorrem durante a busca são surpreendentes e despertam no leitor infantil a curiosidade, algo comum na faixa etária a que se destina o livro e que contribui para que a criança fique atenta à leitura. Novamente, a repetição de palavras contendo fonemas semelhantes ocorre no texto, que contém várias palavras escritas com "x" e "ch" e as com sons de "z" e "s", palavras com as quais, em geral, a criança já alfabetizada ou em processo de aquisição da escrita possui dificuldades para grafá-las corretamente.

(20) *"Mas aquela caixa veio*
para a dança.
O quati mexeu daqui,
virou um pouquinho dali,
Tirou uma rodela de madeira,
esticou um pedaço
de couro de zebu,
e a caixa virou zabumba.

Ilustração da página 21

(22) *Agora o batuque dela*

toca baião e xaxado.
E se você quiser,
venha para o remelexo da dança,
Lá na palhoça."

Ilustração da página 23

É visível o trabalho que Ana Maria Machado realiza com as palavras, repetindo sons diferentemente do modo como acontece nos textos cartilhescos, pois constrói um texto que conta uma história, que significa algo para a criança e lhe apresenta de forma mais natural as palavras formadas, sem dividí-las aos pedaços, contando-as por meio da literatura.

Com criatividade e leveza, Machado conta uma história simples, que contém elementos regionais da cultura brasileira em seu enredo, como o forró, a zabumba, pífano de taquara e o xaxado, que abrangem os mais diversos tipos de leitor, trabalha grupos silábicos considerados difíceis no momento da aquisição da escrita, sem tornar com isso o texto cansativo e encerra a narrativa de forma a se aproximar do leitor, convidando-o para adentrar a história levando-o a sentir-se como alguém que participa dela também, criando com esse conjunto uma literatura de qualidade, onde a criança se identifica, aprende e se diverte. Não são mais frases simples com palavras também formadas de sílabas simples. O texto inverte sua construção tradicionalmente usada: sujeito predicado; quando se pensa no leitor infantil:

"Quero a zabumba,
quati – pediu ele."

Nesta perspectiva, esta obra parece contribuir para a oferta de textos diferentes dos que os PCN (1997) criticam:

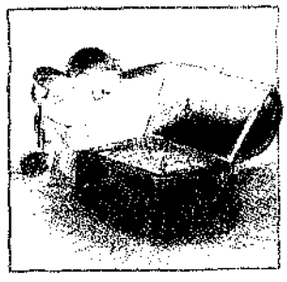
> *"Analisando os textos que costumam ser considerados adequados para os leitores iniciantes, novamente aparece a confusão entre a capacidade de interpretar e produzir discurso e a capacidade de ler sozinho e escrever de próprio punho. Ao aluno são oferecidos textos curtos, de poucas frases, simplificados, às vezes., até o limite da indigência".* (PCN, 1997 vol. 2 pg. 36).

O último livro escolhido por nós para análise, *Com prazer e alegria*, da série V, encerra toda a Série de livros, abordando a amplitude que a leitura traz ao sujeito e os diversos mundos que podem ser descobertos por meio dela. A narrativa se inicia com dois personagens, Benedito e Janaína, que fizeram um passeio diferente. Eles conversam no texto com outras crianças que ficam curiosas para saber o que eles fizeram. Cada um conta o que fez e o que viu:

(4) *O que vocês fizeram? – perguntou o primo Pedro.*
- Eu andei pela floresta e encontrei um tigre pelo meio das plantas – disse Benedito.

Ilustração da página 5

(6) *– Eu procurei um tesouro numa praia de areia branca...*
- explicou Janaína.



(8) *Vocês estavam sozinhos? –*
quis saber André.
- Não, havia uma porção de gente...
disseram eles, rindo.
– Homens e mulheres, príncipes
e princesas, nobres e pobres.

Ilustração da página 9

O diálogo entre os três personagens-narradores parece ser o que conduz a história, revelando o que crianças viveram: aventuras diversas, pela floresta, pelo mundo de fadas e de príncipes. A busca dos personagens crianças aguça a curiosidade do leitor, que acompanha lugares visitados por Benedito e Janaína e se identifica com eles:

(16) *– Não acredito – disse Pedro. – Vocês*
estão brincando.
– Venha conosco – chamou Benedito.
– Agora não é mais difícil. A gente já
sabe ler qualquer palavra.

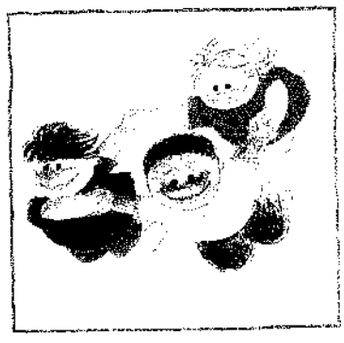


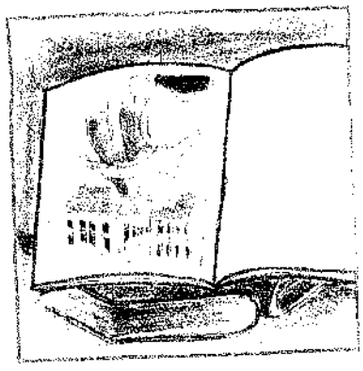
Ilustração da página 17

(18) *E Janaína confirmou:*
É... Hoje a gente já pode ler
– qualquer história,
de qualquer livro,
com tudo o que existe.

(20) *E saíram todos juntos.*

Ilustração da página 21

(22) *Para começar um passeio*
pelos livros, sem fim.
Com prazer e alegria.



As viagens por mundos desconhecidos são possíveis de serem feitas com o domínio da competência da leitura, é a mensagem da obra. Aqui, o texto e a ilustração tematizam uma concepção do ato de ler bastante significativa no discurso sobre a Leitura: "ler é viajar", "ler é entrar na história", "na emoção". Nesta perspectiva o mundo da ficção e o mundo real ficam sem barreiras, são possíveis de ser rompidos pelo leitor através da leitura.

O livro encerra a Série de vinte livros tematizando o ato de ler, de maneira poética e cativante, dando à literatura um caráter lúdico e a idéia de que a leitura é capaz de transportar pessoas, ampliando seus conhecimentos e evidenciando mais uma vez os

objetivos da série, de iniciar a criança na leitura. Segundo as próprias palavras de Machado:

> "Já escrevi uma porção de livros, mas poucos têm me dado tanta emoção como os dessa série Mico Maneco: para tantas crianças, o primeiro livro lido na vida. Umas espécie de chave mágica para a literatura, todas as leituras futuras, todos os livros do mundo!" (MACHADO, na quarta capa dos livros da série).

É como se criança após ouvir, ver e ler toda a série Mico Maneco, possa se consolidar como um leitor que a partir de então, será capaz de "*ler qualquer história, de qualquer livro, com tudo o que existe.*"

CONCLUSÕES

Enquanto proposta de literatura com a intenção de auxiliar as crianças que estão começando a ler, essa série responde às características desse gênero através dos propósitos explicitados pela autora já na capa de trás do livro, do seu projeto visual com cores e traços fortes e com textos organizados para serem lidos segundo a numeração das séries (I, II, III, IV e V).

Os conteúdos das histórias também deixam evidentes as intenções pedagógicas, já que todos os livros são desenvolvidos baseados em determinados grupos silábicos, na repetição e no uso destes de diversas formas, na apresentação de forma gradativa de dificuldade de aprendizagem (sílabas simples, sílabas mais complexas, uma mesma letra que apresenta vários sons). A preocupação na criação de personagens e enredos em torno de uma ênfase em determinadas "famílias" de letras, lembra à organização das cartilhas.

A idéia de que a criança aprende do mais simples para o mais complexo, que vigorou de forma predominante até os anos 80, quando a coleção foi lançada, já é, por alguns, considerada como ultrapassada a partir de novas concepções de aprendizagem e do ensino da língua escrita. O construtivismo divulgado com os estudos de Emília Ferreiro e o sociointeracionismo apoiado nas reflexões de Vigotiski têm nas duas últimas décadas, no Brasil, apontado novas formas das crianças relacionarem-se com o objeto do conhecimento (a escrita) colocando em questão a proposta assumida pela Coleção *Mico Maneco*.

Nesta perspectiva pode se perceber na série de livros uma concepção de alfabetização que se aproxima do tradicional, considerando a ênfase nas famílias silábicas e na concepção de ensino/aprendizagem da aquisição da língua de forma gradativa e a partir de um nível de dificuldade indicado pelo adulto. Essa preocupação demasiada em repetir determinados sons pode, em alguns casos, empobrecer o texto e torná-lo desinteressante para a criança e prejudicar sua literariedade. Por isso destacamos o cuidado que a autora, procurando seguir o objetivo da produção de sua série, teve na construção de seus textos que apresentam boa qualidade mesmo nos remetendo aos cartilhescos. Porém, esta concepção de alfabetização se distancia daquela presente na cartilha tradicional porque pressupõe o alfabetizando como alguém que terá interesse e prazer de aprender a ler se for com textos bem humorados, com personagens crianças e bichos, com jogo lúdico entre palavras, trazendo a ele o imaginário infantil e a possibilidade de alfabetizar não limitada a textos sem significado e sem graça.

Machado consegue construir textos que partem do princípio alfabetizador orientador da série, mas usando uma literatura lúdica, envolvente, que prende a atenção do leitor e o cativa e neste sentido, atinge os objetivos pedagógicos de sua obra de uma maneira leve, divertida, dinâmica e mais significativa para o leitor e por isso mais atraente e provavelmente mais eficaz, pois não só auxilia a aquisição da leitura como também contribui para adentrar a criança no universo literário e para torná-la assídua de suas produções.

Pensamos que a indicação de leitura presente anteriormente na capa de trás dos livros evidenciava a preocupação de que um determinado público alvo (em fase de aquisição das práticas de leitura e de escrita) fosse atingido. A retirada dessas indicações pode indicar uma modificação no modo de pensar da autora, do editor e do ilustrador sobre o modo de ver a criança leitora, sem restringi-la a uma determinada faixa etária e

também na forma de conceber a alfabetização, o processo da leitura na criança e a constituição de seu letramento, conceitos muito abrangentes e polêmicos que merecem ser abordados em uma possível continuação deste trabalho.

Sabemos que esta Coleção tem como intenção disputar no mercado editorial, um público-leitor (adulto) que tem interesse em escolher, indicar para os leitores infantis, obras que antecipem a aprendizagem da linguagem escrita, de forma lúdica. Porém, entendendo a criança como produtora de conhecimento e de uma cultura que se expressa em muitas linguagens por meio de desenhos, pinturas, jogos e brincadeiras, muito antes de dominar a palavra escrita e que esta vem para somar ainda mais à ludicidade e criatividade de seu mundo infantil, podermos dizer que neste caso, a Coleção é uma proposta que restringe o que se tem discutido sobre o letramento em nossa sociedade.

Finalizando, no entanto, podemos afirmar, que dentro da fórmula editorial, a que a série se propõe, os livros "Mico Maneco" oferecem à criança que participa do mundo letrado mais um instrumento de auxílio na aquisição de suas práticas de leitura e escrita, e que o faz por meio de uma literatura de boa qualidade, que se preocupa com a elaboração e a constituição de seu projeto editorial e visual, deixando evidente o cuidado com seu destinatário. Além disso, a série introduz a criança ao mundo literário de forma cativante, envolvente e agradável, tornando a aprendizagem e o ato de ler aprazíveis, contribuindo assim não só à continuidade de uma literatura infantil de boa qualidade, capaz de efetivamente acrescentar aos leitores mais informações e conhecimentos, mas também à formação de crianças que desfrutem da arte literária e concebam a leitura como uma atividade tão gostosa e compensadora quanto o brincar, algo para ser realizado *com prazer e alegria*, como se a leitura de cada livro fosse mais *uma gota de mágica* no seu oceano de saberes.

Deixamos em aberto a possibilidade de novos estudos que investiguem os modos de apropriação da Série *Mico Maneco* pelo leitor infantil, objetivo não assumido nesta pesquisa que, aqui, se encerra.

BIBLIOGRAFIA

1. Livros, capítulos de livros e artigos

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosuras e Bobices.* 5ª ed. São Paulo Scipione, 1995.

BATISTA, A. A. *Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos* In ABREU, M. Leitura, História e História da leitura São Paulo: Mercado das Letras/ALB, 1999.

CADERMATORI, Lígia. *O que é literatura infantil* 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

CHARTIER, R. *"Textos e edições: a literatura de cordel" in:* A História Cultural: entre práticas e representações, RJ, Bertrand, 1986. pp. 165 - 187

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador.* SP, Unesp, 1998.

COSTA, Marisa P. *A Leitura e Escrita para Lygia Bojunga Nunes* Campinas, SP: [s. n.], 2001.

KRAMER, Sônia. *Infância, Cultura e Educação* in PAIVA, A., EVANGELISTA A., PAULINO, G. e VERSIANI, Z.(org.) No fim do século:a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAJOLO, Marisa. *Ana Monteiro e Ruth Lobato ou vice-versa?* In: (Org.) BASTOS, Dau. Ana e Ruth: 25 anos de literatura. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995, p. 69-75.

_____ . *Livro Didático: um (quase) manual de usuário* in Aberto, nº 69, ano 16 1996, pp. 3-9

LAJOLO, Marisa e **ZILBERMAN,** *A formação da leitura no Brasil* São Paulo: Ática, 2003.

_____. *A leitura rarefeita:* livro e literatura no Brasil 1 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos"* 4 ed.- São Paulo: Global, 1993.

LÜDKE, Menga, **ANDRÉ,** Marli E. D. A. *Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso* em A pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986 pp. 11 – 44

MACHADO, Ana Maria. *Esta força estranha. Trajetória de uma autora.* São Paulo: Atual, 1996 (Passando a limpo).

_____. *A zabumba do quati.* São Paulo

_____. *Cabe na Mala.* 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

_____. *Com prazer e alegria.* 6. ed. São Paulo: Salamandra, 1988.

_____. *Contra Corrente: conversas sobre leitura e política* São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Menino Poti.* 10 ed.São Paulo: Melhoramentos, 1988

_____. *Mico Maneco.* 23 ed. São Paulo: Salamandra, 1988.

_____. *No barraco do carrapato.* 20 ed. São Paulo: Salamandra, 1988.

_____. *Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo.* São Paulo: Abril Educação, 1983. (Literatura Comentada).

_____. *Uma gota de mágica.* 16 ed. São Paulo: Salamandra, 1988.

MELO, Elizabete Amorim *Livros Paradidáticos de Língua Portuguesa para Crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar* Campinas- SP: [s.n.] 2004.

MUKANATA, K. *Livro Didático: produção e leituras* in ABREU, M. Leitura, História e História da Leitura São Paulo: Mercado das Letras/ALB, 1999.

SANDRONI, Laura. *De Lobato à década de 70* in SERRA, E. 30 anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras Campinas, SP: Mercado das Letras: ALB, 1998 (Coleção Leituras no Brasil).

SERRA, Elizabeth. *Um panorama da literatura para crianças e jovens* em 30 anos de Literatura para crianças e jovens Campinas, SP:Mercado das Letras/ALB, 1998 (coleção Leituras no Brasil).

SOARES, Magda. *Letramento: como definir, como avaliar, como medir* em Letramento: um tema em três gêneros – Belo Horizonte: Autêntica, 1998 pp. 61 - 121
ZILBERMAN, Regina e **MAGALHÃES,** Lígia C. *Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação.* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil para crianças que aprendem a ler* em A leitura e o ensino de Literatura São Paulo, SP: Contexto, 1988.

_____. *A literatura infantil na escola.* 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 1986.

_____. *Estética da recepção e história da literatura* São Paulo: Ática, 1989 (Fundamentos).

2.Teses, Dissertações, estudos e artigos sobre Ana Maria Machado e sua obra

COSTA, Marta Morais da. *Bisa-Bia, Bisa-Bel:* Uma trança de ovos e avôs Revista de Letras, Curitiba, p. 94-101, 1989.

COELHO, Cerbino V. Wilson. *A serenidade do brinquedo Era uma vez um tirano*. Rio de Janeiro, 1987. 68 p. Dissertação (Mestrado) Federal Fluminense de Letras .

CRUZ, Cassandra Guimarães Medeiros. *Dúzias de sorrisos, dezenas de risadas, centenas de gargalhadas:* o riso na obra de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense.

LIMA, Senise Camargo. *Bem do seu tamanho (1980) de Ana Maria Machado: afirmação de um gênero literário* Assis, 1998. 156p.Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual Paulista.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Transgressão tem cara de criança:* o espaço social da infância em Ana Maria Machado. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento em História da PUC/SP. (SP) n°14, fevereiro 1997. p. 145-160.

QUINTANA, Sueli da Fonseca. *Trança de gente:* Ana Maria Machado na curva do Arco-Íris. Rio de Janeiro, 1989. 171p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESENDE, Vânia Maria. *O imaginário poético de Ana Maria Machado.* In:___.O menino na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 95-105.

SAMPAIO, Lenise Oliveira.*Textos de adultos produzidos para crianças na interpretação de uma educadora (adulta).* João Pessoa, 1993. 133 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto-juvenil:* Seis autores, seis estudos. Goiás: Campos Salamandra. UFG. 1994

TOCHETTO, Zelinda Macari. *Um olhar sobre a construção do leitor infantil*, Unesp, Araraquara, 2001. 127 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista.

3. Endereços eletrônicos

- www.anamariamachado.com.br
- www.moderna.com.br
- www.teses.usp.br
- www.fae.ufmg.br
- www.fae.ufmg.br
- www.ged.capes.gov.br
- www.scielo.com
- www.unibibli.br